

paquetá

revista das artes

UMA MICROANTOLOGIA DE POETAS NEGRAS IGNORADAS
POR ANTOLOGIAS DE POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
por **Cidinha da Silva**

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PÁSSAROS
por **Maré de Matos**

LÉLIA GONZALEZ: INTELLECTUAL MÚLTIPLA
por **Flavia Rios**

DEFICIÊNCIA E MEMÓRIA PROTÉTICA
por **Maria Stockler Carvalhosa**

RENASÇO ENQUANTO ESCREVO
por **Teresa Cárdenas**

A FOFOCA COMO REVOLUÇÃO
por **Lian Tai**

E MAIS

Iyá Paula de Odé - Luisa Benevides - Luna Vitrolira - Sonia Rosa - Estela Rosa
Ana Cláudia Almeida - Valen - Joice Melo - Ana Cecilia Reis - Taís Bravo
Carmen Faustino - Ju Toyó - Carolina Rocha - Eliane Potiguara - Janaú

Vol. 1 - Nº. 1 - 2024. paquetá. revista das artes. 



ACESSE A VERSÃO
DIGITAL AQUI



paquetá

revista das artes

INSTITUCIONAL

Celebramos a chegada de mais um número da revista Paquetá, uma publicação que se apresenta como um espaço de criação, crítica e diálogo entre as artes e a cultura.

A ideia de comunicação, hoje, tem sido ressignificada. Embora os grandes veículos não tenham deixado de existir, é notória sua coexistência com uma pluralidade de vozes, que, em muitos aspectos, tensionam o próprio conceito de comunicação e jornalismo. Essa pluralidade também nos convida ao compromisso ético de saber o “como”, a “forma” e o “viés” dos meios pelos quais nos informamos dos acontecimentos do mundo. É uma tarefa do nosso tempo.

Esta edição da Paquetá, cuja colaboração é, na íntegra, construída por mulheres, reforça o compromisso do Sesc e da Fecomércio RJ com a pluralidade de vozes e com ações afirmativas dessa pluralidade. É o que nos pavimenta para continuar nossa missão de transformar pessoas, lugares e realidades.

ANTONIO FLORENCIO DE QUEIROZ JUNIOR

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro | FECOMÉRCIO RJ



EDITORIAL: “VOZES”

Bem-vindos à segunda edição da Revista Paquetá, uma publicação do Sesc RJ, dedicada a celebrar a cultura e as artes sob a égide da expressão mais autêntica e transformadora. Nesta edição, intitulada “Vozes”, mergulhamos na literatura e na arte feita por mulheres, navegando em suas correntes, experimentando suas profundezas e revelando tesouros muitas vezes ocultados pelos mapas convencionais da literatura.

Centramos nossas páginas não apenas em textos literários, mas também em reflexões sobre o cotidiano, a sociedade e as diversas formas de expressão artística, buscando destacar a importância e o impacto de suas palavras e vozes em diversos contextos – seja na literatura, nas artes visuais, no cinema ou nos quadrinhos.

Nossa missão é ampliar os horizontes, desafiando o leitor a enxergar além dos limites tradicionalmente impostos às mulheres. “Vozes” se propõe como um espaço de celebração e reflexão a partir dos muitos lugares da mulher na arte e na sociedade, questionando o senso comum e destacando a capacidade de transformação e a força que emanam de suas palavras.

Esta edição não se limita a uma única narrativa sobre o que significa ser mulher. Ao contrário, ela se desdobra em múltiplas histórias, reconhecendo e celebrando a diversidade dentro do próprio conceito de feminilidade. Assim, “Vozes” é um convite a reconhecer a riqueza que surge quando ampliamos nosso entendimento e acolhemos as muitas facetas que compõem esse mosaico.

Fica aqui o convite à reflexão sobre como a arte e a cultura são enriquecidas quando abraçam a diversidade de perspectivas que as mulheres trazem para o palco do mundo. Boa leitura!

SUMÁRIO

6

ALABÊ: AQUELE QUE NASCEU PARA CHAMAR E ALEGRAR DEUSES E DEUSAS

Ensaio de Iyá Paula de Odé

10

DE MANHÃ

Poesia de Luisa Benevides

12

AQUENDA – O AMOR ÀS VEZES É ISSO

Artigo por Luna Vitrolira

16

MICROANTOLOGIA DE POETAS NEGRAS IGNORADAS POR ANTOLOGIAS DE POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ensaio de Cidinha da Silva

30

A FOFOCA COMO REVOLUÇÃO

Artigo por Lian Tai

34

COMPULSÕES SOCIAIS

Poesia de Valen

38

QUANDO NITO NASCEU, FOI UMA ALEGRIA SÓ

Depoimento por Sonia Rosa

42

PORTFÓLIO

Ana Cláudia Almeida

46

ENTREVISTA

Ana Cláudia Almeida

60

DEFICIÊNCIA E MEMÓRIA PROTÉTICA

Ensaio por Maria Stockler Carvalhosa

66

MULHERES QUE ESCREVEM

Resenha por Estela Rosa e Taís Bravo

72

LÉLIA GONZALEZ: INTELECTUAL MÚTIPLA

Artigo por Flavia Rios

76

**NOTAS SOBRE O QUE NÃO É TEMPO
– FUTURO ANCESTRAL, ARTE E
LITERATURA INDÍGENA**

Ensaio por Janaú

80

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE PÁSSAROS**

Peça sonora de Maré de Matos

84

**EU ESCREVO, TU ESCREVES,
NÓS ESCREVEMOS**

Artigo por Joice Melo

88

**UM CORPO-PALAVRA
QUE NÃO VAI MORRER**

Crítica teatral por Ana Cecília Reis

94

SESC INDICA

98

CORPO-MUNDO

Poesia de Carmen Faustino

102

SOBRECARGA

HQ de Comic Mami (Ju Toyo)

104

RENASÇO ENQUANTO ESCREVO

Ensaio por Teresa Cárdenas

108

PARA O AMOR QUE VAI CHEGAR

Poesia de Carolina Rocha

110

**PALAVRA LÍQUIDA,
CORPOS E TERRITÓRIO**

Artigo por Eliane Potiguara

114

IDEIAS E DIÁLOGOS

Cultura no Sesc RJ por Christine Braga

118

CRÉDITOS FOTOS

119

EXPEDIENTE



ALABÊ

AQUELE QUE NASCEU PARA CHAMAR
E ALEGRAR DEUSES E DEUSAS

IYÁ PAULA DE ODÉ





Aláagbè, Aláagbè
ko ri ko
Oni Lewa, Aláagbè
ko ri ko*

Alabê
Hoje é uma beleza
que nunca foi vista
antes

Apolo, deus grego, utilizava a harpa para agradar seus deuses. Essa é a referência mitológica da musicalidade que nossas crianças aprendem nas escolas. Mas há referências africanas tão lúdicas e até mais interessantes.

Existe na cultura iorubá uma energia feminina chamada AYANGALU. Ela é a mãe de todos os atabaques. Ayangalu só teve filhos homens. Por esse motivo, primordialmente, são os homens que tocam os atabaques.

O princípio que Ayangalu deixa para nós é o de propagar. O som dos atabaques propaga, ecoa. E quem faz o som se propagar é o alabê. A magia das mãos do alabê é mais do que tocar. É propagar a comunicação entre os seres humanos.

Ninguém melhor do que o grande alabê Altay Veloso para ser exemplo disso.

Esse homem teve o privilégio de conhecer e conviver com uma Ayangalu em vida: sua avó, dona Rosalina Silva.

Nascido em São Gonçalo (RJ), Altay Veloso é cantor, compositor, dramaturgo e escritor. Ele foi o homenageado em setembro de 2022 do "Palavra Líquida", evento literário do Sesc RJ.

*Cantiga iorubá, comumente cantada nos terreiros de candomblé.

O atabaque chama! E chamou aliados. Essa mulher propagou o que é mais valioso para o ser humano – conhecimento –, ainda que ela mesma não tivesse o letramento. E quem disse que as letras são a única forma do conhecer? Ela, uma mulher analfabeta, fundou a Escola São Francisco de Assis, possibilitando o letramento de outras crianças num bairro de São Gonçalo. O som do atabaque chama! E chamou aliados em meio a tantos adversários do espaço sagrado da religião de matriz africana. Chamou pessoas de outros segmentos religiosos para compor a realização do sonho de uma família, um território. Sim, território! Terreno que agrega casas para a família Veloso, casa de axé que é da família espiritual, casa de criação, um estúdio de onde saem os mais lindos projetos musicais.

Com tantas informações plurais e referências diversas, como um alabê pode não pensar a não ser na forma estendida? Não tenho dúvida de que a inspiração do Alabê de Jerusalém veio desse lugar, onde o que une é mais importante do que nos separa.

Pensar em Altay Veloso é pensar num corpo negro coberto de referências ancestrais adquiridas desde a infância. É pensar que o menos é mais, basta ter boa vontade. É ter certeza de que o formato da família afro referenciada é um exemplo de que é possível mudar a realidade social e intelectual daqueles que estão mais próximos da nossa comunidade.

O Alabê de Jerusalém nos traz a possibilidade de enxergar o mundo numa outra perspectiva, a perspectiva da união e paz entre os povos, como nos ensinamentos de Orunmilá.

Ah, dona Rosalina Silva! Que sua existência na Terra e sua força no mundo espiritual sirvam de inspiração para novas escolas como a Escola São Francisco de Assis.

Que nessa transição do Brasil do ódio para o Brasil do amor, a gente encontre aliados diversos, assim como a senhora encontrou na sua caminhada, para que possamos reconstruir os sonhos de nós, brasileiros.

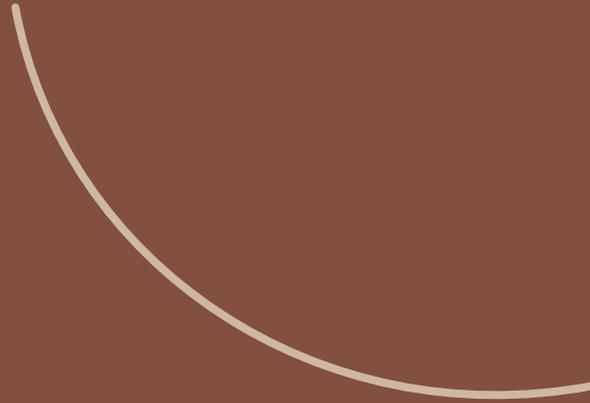
Ah, dona Izolina Silva Veloso! Gratidão por ser a filha da matriarca preta, forte e potente e ainda ser mãe desse gênio chamado Altay Veloso. Que orgulho dessa mãe e mãe de santo que, através da fé, está de pé, vendo a arte de seu filho ecoar mundo afora!

Ah, Altay Veloso! Alabê na vida real que ludicamente faz do Alabê de Jerusalém uma esperança para os novos tempos. Tempos de paz, amor, união e sobretudo respeito e tolerância à diversidade. Que você continue tomando posse do espírito de Ayangalu, fazendo ecoar arte, sabedoria e musicalidade pelo mundo afora. Que suas poderosas mãos de alabê tragam sempre os deuses e deusas para nos visitar aqui na Terra e o som dos atabaques seja nossa resistência.

Foto: Gui Christ



Iyá Paula de Odé é Iyalorixá, idealizadora e presidente do Instituto Ose Dúdú, presidente do Afoxé Omó Ifá – Rio de Janeiro, vice-presidente do IITAB (Instituto Irê de Tradições Afro-Brasileiras), ativista, palestrante, graduanda em Serviço Social (Unopar), jornalista, colunista do AxéNews e pesquisadora do Grupo Africanias da Escola de Música da UFRJ.



DE MANHÃ

LUISA BENEVIDES

sou eu

meu caderno

meu café

um punhado de medos

arrisco poemas médios

eles não falam dos medos

mas da manhã

do caderno

do café

Foto: Valentine Brito



Luisa Benevides é psicóloga, mestra em filosofia e doutoranda em Letras pela UERJ. Além de atuar na clínica, oferece consultorias literárias e media desde 2020 a oficina de escrita *escreve, mulher!*. Já participou de algumas antologias e possui dois livros de poesia publicados, ambos de modo independente e artesanal: *azul de um minuto: poemas entre mãe e filho* (2019) e *Lombada* (2022). Para saber mais, visite o *site*: luisabenevides.com.



AQUENDA

O AMOR ÀS VEZES É ISSO

LUNA VITROLIRA



O amor romântico, essa antiga promessa de prazer e felicidade, talvez ainda seja o maior sonho da humanidade. Pode ser apenas um delírio, uma invenção. Entretanto, por mais que se tente novas rotas de fuga, parece que tudo sempre levará de volta ao desejo por ele: uma música, um filme, uma pintura, um poema num livro aberto aleatoriamente. Parece involuntário esse movimento. Condiçionadas, vivemos ao redor de uma ideia de amor, romântico, capaz de nos elevar, nos fazer transcender a matéria. Estamos em sua busca incansavelmente, mas isso pode ser apenas uma grande promessa, livre da obrigação de acontecer.

A questão é: o que seria o amor romântico? Ligação cósmica ou espiritual, encontro de almas, acontecimento, escolha, destino, contrato social, meta de vida, estratégia de sobrevivência, um modelo eurocêntrico de relacionamento baseado em relações de poder? Enfim, o amor romântico é questionável. O uso que se faz dele veste seu rosto com várias faces e farsas, de acordo com a conveniência social, sobretudo em se tratando de gênero. Pode ser filtro e lente. O maior instrumento de revolução e evolução, ato político e tecnologia ancestral. Mas também motivo de feminicídio, nossa morte, submissão, subalternidade, visto que vem disfarçado em discurso de proteção e felicidade, mas oprime, sufoca, mata. Um rio que parece manso, mas, a qualquer momento, torna-se enchente. Afaga e afoga. Com a mesma mão, quando diz que liberta, põe correntes.

Nessa longa trajetória de acúmulos de expectativas e frustrações, entre tantas rejeições, desprezos, violências físicas, verbais e psicológicas vividas, se pergunte: o que continua nos fazendo acreditar no amor romântico? A sua promessa de felicidade manipula nossas mentes. Somos criadas, educadas emocionalmente pelo mundo, para sonhar com o amor, romântico e perfeito, com final feliz. Somos ensinadas a conquistar, servir, agradar, viver em seu nome e nunca, nunca perder para outra o objeto de nosso desejo. É cruel. Esse processo de programação mental, além de nos tornar objeto de posse alheia, ceifando a nossa liberdade, anula nossas identidades, quem somos e o que, de fato, desejamos.

Historicamente, às mulheres pretas foram reservados papéis de trabalho e subalternidade. Objetificadas, invisibilizadas, violadas, violentadas, destituídas de suas humanidades e, automaticamente, também do direito de amar e ser amadas, de ser respeitadas e escolhidas, dignas de receber afeto, inclusive publicamente, devido à intersecção de gênero e raça. Nesse jogo do amor, sabemos bem quem morre e quem mata, quem ama e não é amada. A realidade é que o amor se tornou armadilha do patriarcado, que mantém nossa vida em sua função. Uma estratégia de domínio sexista que nos inferioriza enquanto buscamos a promessa de nossa felicidade em seus braços, mas aquenda! Se o amor às vezes é isso, podemos reverter essa situação. Podemos sair do silêncio, romper com a subalternidade e escolher servir amor a nós mesmas como quem serve um banquete. É necessário ressignificar a ideia de amor e dedicá-lo a nós mesmas.

O amor é um processo de autoconhecimento. É preciso saber amar-se, perceber-se inteira e ter autonomia, ser senhora de si. A outra pessoa não é metade que irá completar, não é o que falta, porque isso gera um vínculo de dependências entre as imagens e suas projeções, que podem não corresponder à realidade. bell hooks, em *Vivendo de Amor*, diz que trocar a crítica negativa pelo reconhecimento positivo é o primeiro passo para o cultivo do amor. Enxergar-se e amar primeiramente o que vê em si, reconhecendo a própria beleza. O autoamor, que também nos foi negado, é o fundamento básico de nossa saúde emocional. Ter uma relação saudável de afeto com nós mesmas, inclusive com a nossa aparência, é caminhar para longe das ilusões do ideal de amor romântico, que nos impõe uma necessidade de viver em “pares” para que a gente possa se sentir completa. Se o amor cura, sejamos o nosso principal alvo de afeto. Sejamos felizes em nossa companhia. Sejamos o grande amor de nossa vida.

Foto: Estúdio Orra



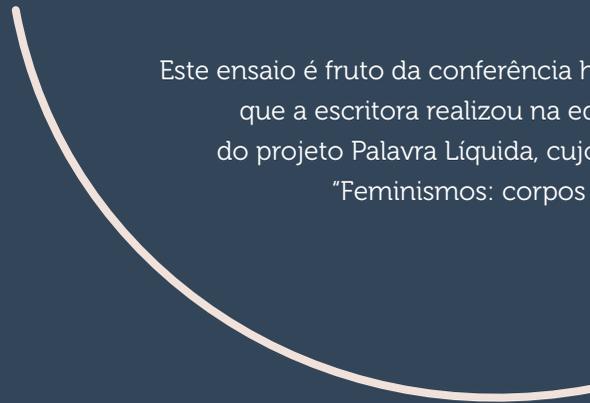
Luna Vitrolira é cantora, poeta, compositora, atriz, pesquisadora, palestrante e mestra em Teoria da Literatura, com ênfase em oralidade e poética das vozes. Autora do livro “Aquenda – o amor às vezes é isso”, finalista do Prêmio Jabuti 2019, que se transformou em projeto transmídia, com o qual estreou na literatura, na música e no cinema, com livro, disco e filme, homônimos. É também idealizadora e *manager* do projeto “Mulheres de Repente”, através do qual apresenta a Mesa de Glosas do sertão do Pajeú (PE), modalidade de poesia de improviso metrificada. Foi jurada de dois grandes prêmios de literatura nos anos de 2022 e 2023, o Prêmio Oceanos e o Prêmio Jabuti, na categoria poesia. Integra a exposição *Falares* no Museu da Língua Portuguesa (SP). É CMO da 99Jobs, facilitadora, entusiasta e colaboradora de planos, projetos e programas que têm como meta construir políticas de equidade de gênero e combate ao racismo institucional, com foco em diversidade e inclusão, e atua em programas de formação e acolhimento, voltados para as juventudes das periferias, em comunidades, escolas e colônias penitenciárias.



MICROANTOLOGIA

DE POETAS NEGRAS IGNORADAS POR ANTOLOGIAS DE POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

CIDINHA DA SILVA



Este ensaio é fruto da conferência homônima que a escritora realizou na edição 2021 do projeto Palavra Líquida, cujo tema foi: "Feminismos: corpos múltiplos"

Sou prosadora, mas me interessa muito por poesia. Todas as vezes que tenho notícia de uma antologia de poesia brasileira contemporânea, corro a verificar que autoras e autores negros foram contemplados. Invariavelmente me frustro, sinto falta das poetisas, de um modo geral. Lacuna ainda maior é deixada pela ausência de autoras como Dinha (CE), Fernanda Bastos (RS), Livia Natália (BA), Maré de Matos (MG), Roberta Estrela D'Alva (SP), Tatiana Nascimento (DF), Zainne Lima (SP).

A poética dessas autoras me toca justamente nos aspectos formais, a meu ver imprescindíveis na produção literária. Gosto delas pelos elementos que nos fazem apreciar determinados livros e autoras, ou seja, a forma como cada poética nos alcança: por meio da geração de encantamento, ruído, enlevo; alegria, dissonância, surpresa, ressignificação, pela potencialidade de produzir sentidos em interação com nossa subjetividade de leitora, também de escritora (no meu caso), porque gosto de textos que me desafiem a entender a teia da escrita. Para isso, é preciso haver trabalho de manufatura do texto, por suposto.

Não são autoras que chegaram agora. Todas já mostraram a que vieram, estão na cena literária há anos e são reconhecidas como boas poetisas em instâncias que talvez não sejam vasos comunicantes o suficiente para levá-las às listas nominiais das vitrines literárias.

Roberta Estrela D'Alva é atriz, MC, diretora, pesquisadora e membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e do coletivo transdisciplinar Frente 3 de Fevereiro. Roberta é exceção no quesito livros publicados, convém declarar. Ela não tem um livro de poemas individual, mas entra nessa despreziosa microantologia porque sua poesia vocalizada faz muito sentido quando impressa e lida por outras pessoas. Isso destoia da maioria das *slammers*¹, cujos textos fora das apresentações orais não se sustentam. Contudo, a própria Roberta, numa espécie de militância pela estrutura dos *slam* que ajudou a trazer para o Brasil, em nome da coerência e reforço a esse formato de expressão performada do poema, reivindica o lugar de quem escreve “apenas” para cumprir esse objetivo. Entretanto, é perceptível sua busca obstinada das melhores palavras² e arranjos frasais para compor seus poemas e, sim, Roberta ocupa-se muito dos aspectos estéticos de sua poética.

1 Praticantes de poetry slam, competições de poesia falada e cronometrada.

2 A troca de ideias que permite essa afirmação foi registrada no bate-papo “Mulheres que movem palavras, com Cidinha da Silva e Roberta Estrela D'Alva” nos canais do Sesc Literatura/São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=8RT9VSisU3c>.

GARGANTA

Roberta Estrela D'Alva

Da coletânea "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta", organização de Mel Duarte (Planeta, 2019).

A Garganta é a gruta que guarda o som.
A Garganta está entre a mente e o coração.
Vem coisa de cima, vem coisa de baixo e de repente: um nó.
E o que eu quero dizer...

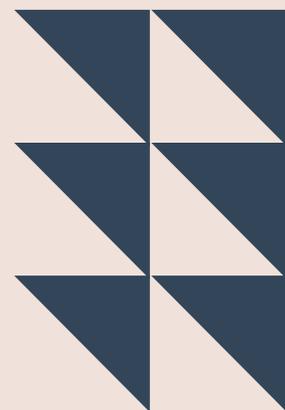
Às vezes acontece um negócio esquisito:
Quando eu quero falar eu grito,
Quando quero gritar eu falo.
O resultado?
Calo.

Camadas e camadas de medo e amor recolhido.
Fendas, rachaduras, suco, bolsas, adenoides, esfenoides,
mariposas, borboletas.

Dando adeus.
Dando a Deus.

Por que às vezes eu ainda fico só, sem Vós?
Sendo que tudo o que quero é estar com voz?

Por que Vós é quem me dá tudo.
É quem me dá a vida, o sustento e a alegria de cantar.
Por isso um dia pedi que Vós sempre comigo estivesse.
E um pensamento veio em resposta:
Duvidar que dentro de mim há voz não é o mesmo que
duvidar de
Vós?



O segundo movimento que faço ao percorrer as antologias e ao me assustar com certas escolhas é me perguntar quais foram os critérios de eleição de participantes. Não consigo entender, por exemplo, como alguém deixa Tatiana Nascimento de fora, mas contempla uma poeta que, sabidamente, faz plágios pobres dos poemas daquela. Sempre que tentam me apresentar a poesia dessa gente como algo “arrebataador” ou querem uma palavra minha a respeito, asseguro que conheço o original e não referendo o plágio. A propósito, juntam-se a Tatiana Nascimento no panteão das autoras muito plagiadas Elisa Lucinda e Sueli Carneiro.

O plágio grassa no sistema literário, mas é tabu falar sobre ele, notadamente entre integrantes não hegemônicos do campo. É como se produzíssemos uma tensão inaceitável, um barulho incômodo demais para ser ouvido, todavia intolerável mesmo é o ato de plagiar. Mais não digo, pois, diferente da música, é difícil demonstrar o exercício plagiador em termos legais.

Ao tatear os caminhos de algumas antologias, percebo que uma cota de participação é destinada a poetas que gozam de visibilidade e certa capacidade de articulação com formadores de opinião validados; outra é dedicada a nomes que não podem faltar, não porque a força estética do trabalho seja imperativa, mas pelo movimento das forças políticas que conseguem se tornar imprescindíveis nas coletâneas oficiais por motivos também políticos. Outra cota se dedica a editoras que, por motivos variados, é de bom tom promover. Encontro também cotas destinadas aos amigos, conterrâneos e até aos amigos dos amigos (indicações diretas negociadas em troca de indicações futuras como contrapartida).

Não reivindico neutralidade à organização das antologias, pois esta não existe, mas, creio que seria de bom alvitre explicitar os critérios orientadores das seleções.

Para obedecer à minha própria cartilha, explicito os critérios desta microantologia de poetisas negras contemporâneas brasileiras:

- 1)** Trata-se de um grupo de poetisas que leio, gosto, nas quais reconheço qualidades notáveis no trabalho estético e imagino que vários antologistas não conheçam e, portanto, não leiam, ou até conheçam, mas nunca leram. Essa apresentação configura-se como um convite-recomendação-ponete para leitura.
- 2)** Como leitora, localizo estas sete autoras, Dinha, Fernanda Bastos, Lívia Natália, Maré de Matos, Roberta Estrela D'Alva, Tatiana Nascimento e Zainne Lima, naquilo que de melhor tem sido produzido e publicado na poesia brasileira a partir de 2010.
- 3)** São poetisas negras que fogem do modelo de poesia representado pelas autoras de *Cadernos Negros*³ (mesmo que Zainne Lima publique por lá, seu conjunto textual difere das exigências distintivas daquela coletânea).
- 4)** São autoras de idades entre 25 e 40 anos.
- 5)** À exceção de Roberta Estrela D'Alva, cuja excepcionalidade expliquei no quarto parágrafo deste ensaio, as poetisas em tela têm mais de um livro publicado.
- 6)** À exceção de Lívia Natália e Zainne Lima, as outras poetisas do grupo não se definem como integrantes do movimento ou da perspectiva da chamada literatura negra, e mesmo as duas primeiras me parecem fazer muito mais um discurso político de pertença do que propriamente apresentar uma poética próxima ao entendimento de literatura negra vigente a partir dos anos 1980, na estética da publicação *Cadernos Negros*.



³ “A partir de 1978, a produção literária afro-brasileira dinamizou-se bastante devido à criação da série *Cadernos Negros*, que, publicando contos e poemas, tem se tornado o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. Além de proporcionar espaço para os criadores, a série, organizada pelo Quilombhoje, vem se tornando um instrumento para o exercício da Lei 10639/11645, pois se constitui numa fonte extremamente rica para veiculação da cultura, do pensamento e do modo de vida dos afro-brasileiros” (texto de apresentação da iniciativa *Cadernos Negros* no site <https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>).

Dinha (Maria Nilda de Carvalho Mota), segunda poeta desta microantologia, pertence à extensa família cearense, migrante em São Paulo. É mãe de quatro filhas, doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP e editora da *Me Parió Revolução*, casa editorial fundada e tocada por mulheres e devotada à publicação de mulheres.

A poética de Dinha é cortante, trata de uma revolução política protagonizada pelo povo organizado, tem lirismo, flores, beleza, violência, luta, crenças, mas poucos dogmas. Dinha é aquela poeta que escritoras e escritores leem por deleite, como as canções que nossos ídolos músicos escutam quando perseguem boa música.

CARNE DE SOL

Dinha

Do livro "Maria do povo"
(Me Parió Revolução, 2019).

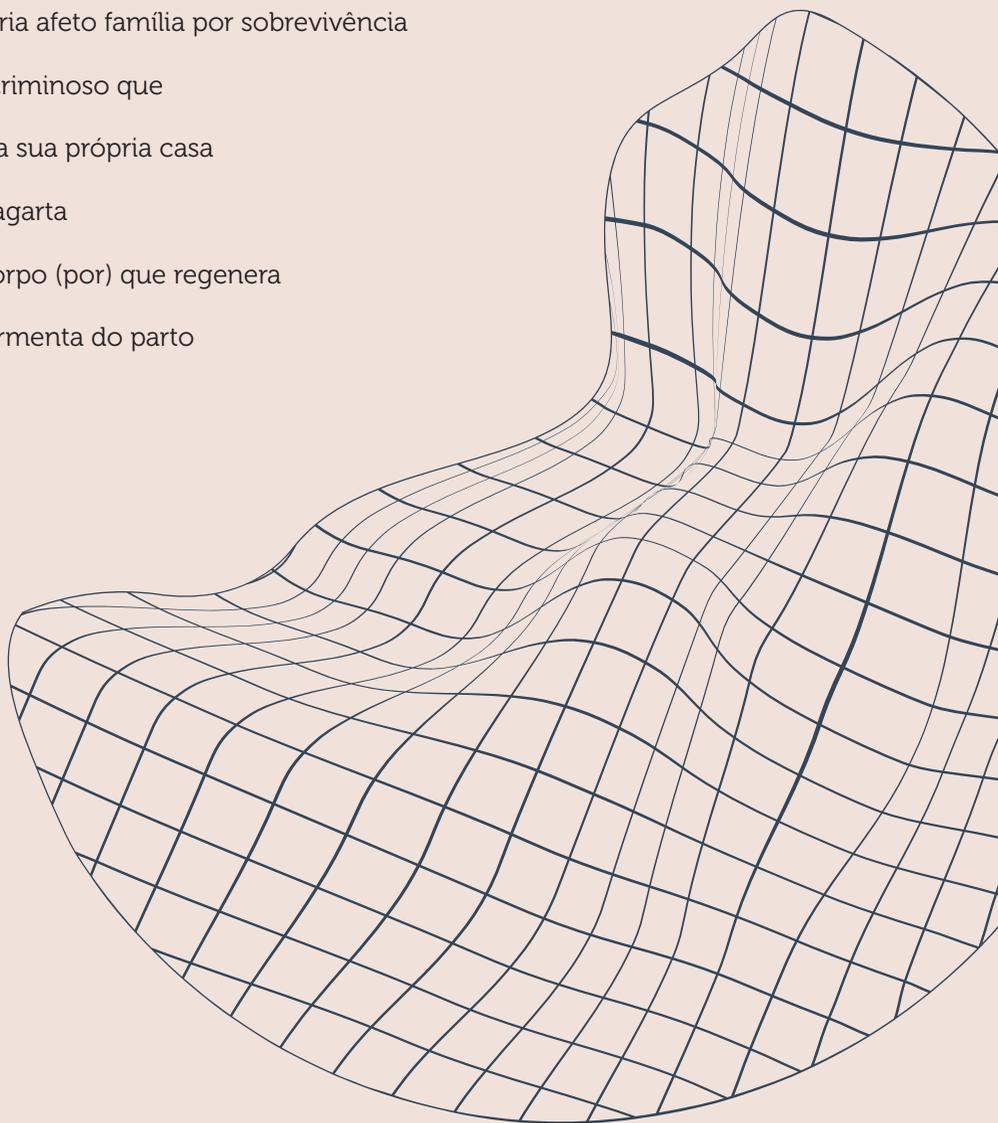
Melina foi presa furtando
cremes pra ficar bonita.
no fundo a esperança dela
era que o sol brilhasse
ao menos aos quadradinhos
.....
nem assim ela brilhou.
no banho de sol de uma hora por dia
a agenda caía
sempre na contramão:
conversar com a disciplina
escrever cartas vazias
carne de gado,
azia
a jéga e o boi.



Maré de Matos se define como uma "garimpeira de pérolas escondidas dentro da casca da rotina". Busca a tradução do cotidiano pela perspectiva da poesia e se interessa pela fusão de linguagens e pela superação de definições que não sejam múltiplas. É também artista visual.

Poema sem título, do livro
"Meu corpo é um esconderijo"
(PENALUX, 2014).

você fugiu de mim como um bicho arisco
que abandona seu território cria afeto família por sobrevivência
ocê fugiu de mim como um criminoso que
sorrateiro e discreto abandona sua própria casa
cê fugiu de mim como uma lagarta
que dilacerada abandona o corpo (por) que regenera
e fugiu de mim deixando a tormenta do parto
de duras palavras



Lívia Natália é doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal da Bahia e ensina Teoria da Literatura na mesma instituição. É poeta premiada. Eu leio os poemas de Lívia muitas vezes, não para “entendê-los” como boa parte da poesia contemporânea que me cai às mãos, mas para entranhar e degustar cada verso, e para me banhar nos meus próprios mistérios revelados pela poesia de Lívia Natália.

A UMA AUSENTE

Do livro “Água Negra”
(Caramurê, 2011).

Lívia Natália

À Liliane Theodora de Souza, minha irmã.

Ela tinha mais cabelos.
Ela era magra,
era um negrume esguio e delicado.
E cantou como uma cigarra:
até o fim.

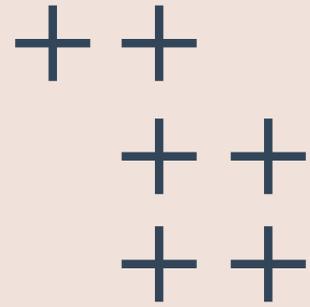
Daqui, da margem dos vivos,
vejo seus olhos pretos divisando águas,
mergulhado,
seu corpo ainda treme.
Algo respira na parede invisível
do seu quarto pendente no céu de pura estrela.

Um brilho ausente cintila entre as areias brancas de nossa
infância.
E ele,
minha irmã,
é seu rastro de ser celeste
que pela terra passou em brasa
e dor.

Cadente que fostes,
algo de miragem ainda flutua na pele das fotografias,
nos K7 gravados,
no lugar que era seu e que ocupei.

Tudo na casa antiga desmente
a certeza infeliz de sua ausência.

Fernanda Bastos é a poeta mais jovem desta microantologia em termos de publicações. É jornalista, tradutora e editora-fundadora da *Figura de Linguagem*. A poética de Fernanda faz um escrutínio do cotidiano com agulha, linha e lupa para expandir o relevo dos pontos entretecidos.



A MANCHA

Fernanda Bastos

Do livro "Eu vou piorar"
(Figura de Linguagem, 2020).

Acostumou-se a posar altivo
com suas armas entre as crianças
UPPs e canos longos altos
tão bem conhecidos
e armados

não são nossos inimigos
e não nos fazem bem
mas garantem que trarão
segurança e estabilidade
_ insanidade do estadista

boinas azuis trariam água e cura
e a promessa que se cumpre
é a do oficial que sabe
o que é melhor para o país estrangeiro
ele sabe o que a criança haitiana quer
sabe o que a mulher haitiana quer
e impede que ele diga o que não quer
se ousar pois é ele que sabe e se insiste
querendo não saber, só matando

BUM
pacificação na favela de Bel Air
os tanques brancos
e a observação do povo negro
acenos no jogo pela paz
seis a zero para o Brasil
zero a seis para o Haiti

BUM
230 mil mortos ou mais
achados decompostos

BUM
uma fila de braços esparadrapados
e mãos repousadas em macas
o berro de uma boca sem dentes
nove mil mortos
da vital e mortal água

o pedido de perdão da ONU
e a saída militar verde-amarela
a sensação de desperdício
como agora soa a música proibida
"MINUSTAH tem que sair"

Zainne Lima é prosadora e poeta. Bacharela e licenciada em Letras pela FFLCH-USP, é arte-educadora, professora do Português. Sua prosa tem símiles que me impactam pela beleza e também porque me fazem pensar, quebram minha pretensa interpretação racional do mundo:

“O desespero não tem lugar na passagem final da vida. A morte pode ser tão silenciosa quanto um sonho, uma alucinação”⁴. Sua poética é vertiginosa, ela se lança no abismo sem cordas e sem rede de proteção.

CARNE DE CABRA (1)

Zainne Lima

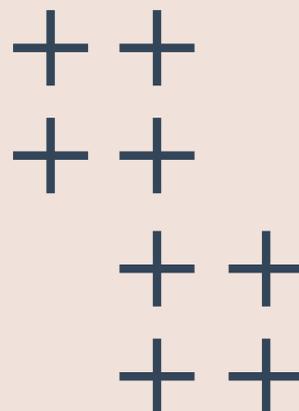
Do livro “Pedra sobre pedra”
(Venas Abiertas, 2020).

escrever é minha faca só lâmina
me corta profundo
não sangro
não sei se dói
o corte
a imagem perfurada seca
ou o espelho que a faca é
me mostra o poema
maturado andando sozinho
encima de mim.

N. arrancou minha mão de escrever.
doeu, foi deslumbrante.
gosto quando a literatura me sangra
pelos olhos (lágrimas de cristo).

quero compor um poema.
sou destra.
N. arrancou minha mão de escrever.
tento com a esquerda,
não dá tempo e o poema foge.

a vontade de escrever
é dor de membro fantasma.



⁴ “Ao que nascera”, no livro Pequenas ficções de memória (Patuá, 2018).

Encerro esta microantologia de poetas negras ausentes das antologias de poesia brasileira contemporânea com tatiana nascimento, cujos poemas cartografam, cartograssam universos de sentidos das palavras em desdobramentos, extensões e sonoridades pouco experimentadas. A poeta vai além da *performance* vocalizada, a

palavra de tatiana nascimento performa escrita, grafada em qualquer suporte, em signos e (des) combinações ritmadas. Aliás, existem poemas de sua lavra que desconfio serem impossíveis de musicar, posto que já nasceram música, "Quase" é um deles.

QUASE

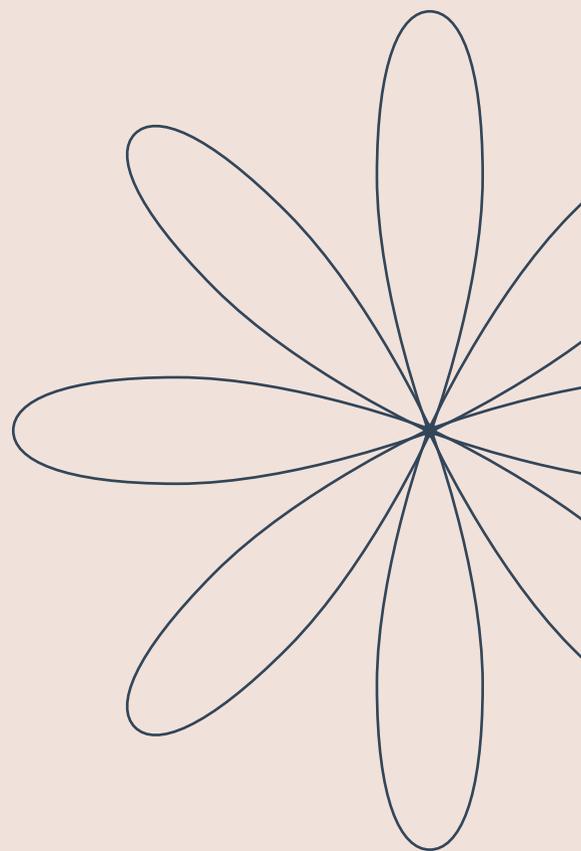
Tatiana Nascimento

Do livro "Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto (ou quase)

Me dá um pedaço do seu amor?
Só um pedaço mesmo
Não te quero inteira, não
Não te quero toda
Nem de mais
Só aquele pedaço tosco
Lascado, quebrado, fodido, moído
Caído no chão, joelho ralado, doído
O pior pedaço não, nem o mais desimportante
Que isso ia ser te pedir o melhor do avesso
Mas de melhor num quero nada
Até porque eu não tenho nada muito bom pra dar
Então me dá se quiser um pedaço do seu coração
Um espaço, uma brecha, uma fenda, um vão
Um caco



Um caco de alguma vez que ele foi quebrado
Mas que cê nem lembra mais direito como, quando
Por quem mesmo?
É esse que eu quero
Dá pra mim esse caquinho
Essa lasca, essa ruína meio gasta
Mas não velha demais
Que a gente possa dizer arqueologia
Nem nova demais
A ponto de não ser quinquilharia
Esse caco que você jamais pensaria que alguém quereria
Pra uma coisa qualquer, ou que valesse um poema sequer
Esse retalho eu quero
Pra juntar com qualquer retalho do meu coração remendado
Embaixo de um dia besta de sol, só colocar um do lado do outro, assim,
paradinho embaixo do sol do meio-dia
Pra deixar inda mais banal o zênite da mediocridade cotidiana do sol no meio
do céu embaixo do dia



E depois sentar e observar como tudo, tudo mesmo, qualquer coisa brilha sob
o sol, até um caco tosco
De vidro coronado meio arranhado
Que nem a maré das lascas do meu coração
O dicionário vai chamar essa coisa pouca, boba, pequena, comum, banal
simples tola de amor
Os satélites, os drones, a Nasa lá do alto
Vão ver essa coisa brilhar
Fragmentos do que a gente é buscando rejunte
E até as retinas que olharem vão quase cegar desse brilho fosco também
Mas tão brilho que vai ser esse sol, esses cacos, esse encontro
A calçada suja onde os cacos se deitam a plantinha nascendo no craquelado o
concreto a rotina o gosto de sal do suor escorrendo pela testa o dia quase vai
deixar de ser igual por um
Instante
Ou quase
E partilhar um segundo fundo assim
É quase se dar inteira pra alguém hoje em dia
Do jeito que as coisas andam tão quebradas né

Os versos de tatiana nascimento têm poesia, não são linhas encadeadas que se fingem poema. Poeta de sofisticação milimétrica, tatiana é capaz de reescrever o mesmo poema por 85 vezes e ainda se lembrar de cada mudança operada na busca dos efeitos e sentidos abrigados pela palavra.

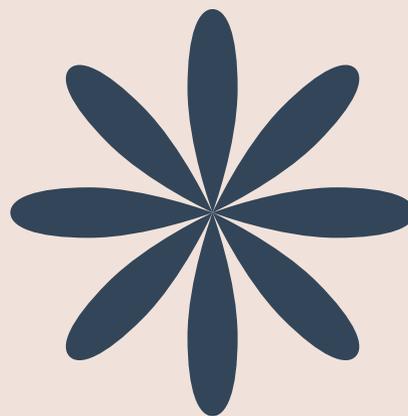
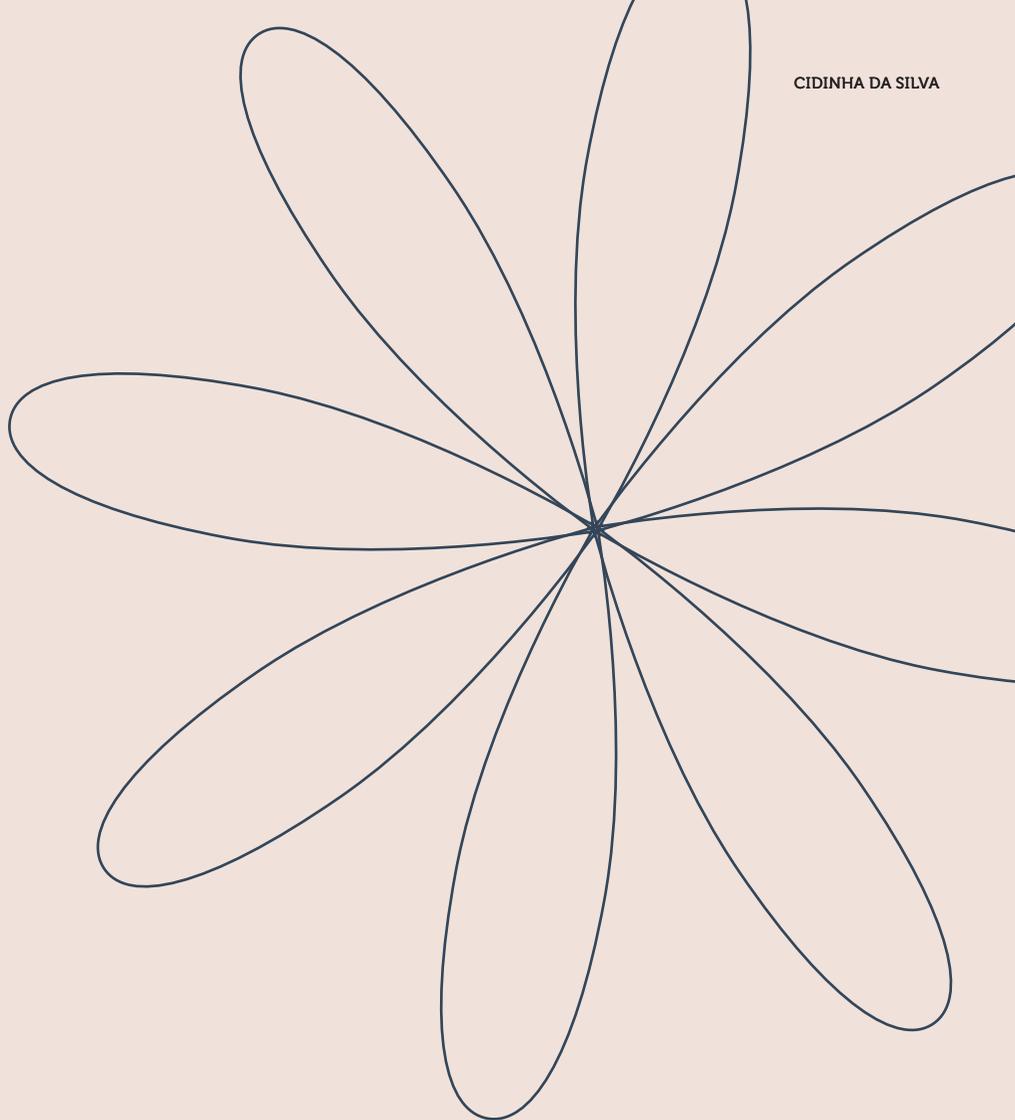


Foto: Vincent Bosson



Cidinha da Silva (MG) tem 19 livros publicados, entre eles os premiados “Um Exu em Nova York” (Biblioteca Nacional, 2019 e PNLD Literário 2021); “Os nove pentes d’África” (PNLD Literário 2020); “#Parem de nos matar!” (Acervo Público da Educação Paulista, 2021); “Oh, margem! Re-inventa os rios!” (PNLD Literário, 2021) e “O mar de Manu” (APCA 2021, melhor livro infantil). Organizou duas obras fundamentais para o pensamento sobre as relações raciais contemporâneas no Brasil: *Ações Afirmativas em Educação: experiências brasileiras* (2003) e *Africanidades e Relações Raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (2014).



A FOFOCA COMO REVOLUÇÃO

LIAN TAI

O que a palavra “fofoca” lhe sugere?

Não é preciso ir longe para que as imagens associadas a ela apareçam: conversas maledicentes, intrigas, futilidades, sempre ligadas ao universo feminino. Porém proponho aqui que talvez tenhamos que ir longe, talvez tenhamos que ir às origens do sentido, para que ele nos diga sobre a sociedade em que estamos inseridos.

A filósofa italiana Silvia Federici¹ aponta a palavra “fofoca”, ou melhor, *gossip*, seu correspondente em inglês, como emblemática do enfraquecimento das mulheres sobre o qual se formou a sociedade moderna. Segundo a filósofa, até a Idade Média, *gossip* era usada em contextos de vínculo e amizade entre mulheres, tendo surgido dos termos ingleses arcaicos *God* (Deus) e *sibb* (aparentado), denotando madrinha ou padrinho. Com o tempo, seu uso teria se expandido para se referir às amigas que acompanhavam uma mulher em seu parto ou simplesmente às amigas próximas. Na Idade Média, a maioria das atividades executadas por mulheres (pelo menos nas classes mais baixas) era de natureza coletiva. Já no século XVI, se começou a travar uma verdadeira guerra contra as mulheres, que se manifesta de inúmeras formas, desde a intensificação da caça às bruxas até a mudança de sentido da palavra *gossip*: em vez de laços de amizade, ela passa a se referir a maledicência e futilidade.

¹ FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas. São Paulo: Boitempo, 2019.

O enfraquecimento dos laços entre mulheres foi essencial para a formação do capitalismo, que se fundou sobre o trabalho invisível e não remunerado feminino. Hoje, após décadas de lutas dos movimentos feministas, chegamos ao século XXI com a ilusão de igualdade de gêneros. Entretanto, um olhar mais atento nos revela que nós, mulheres, ainda habitamos um lugar de opressão nem tão sutil, que é material, mas sustentado por narrativas que nos aprisionam subjetivamente, como o mito da beleza, do amor romântico ou a romantização da maternidade. É necessário, pois, que rompamos o silenciamento para participarmos ativamente da disputa simbólica que se trava. É aí que entra a fofoca, esse tecer de sentidos e de memória que tem sido aviltado ao longo dos séculos para nos calar.

Fofocar é falar sobre o âmbito privado. E falar sobre o que se passa entre quatro paredes é tido não só como fútil e maledicente, mas também como um tabu. Acontece que, em um modelo de sociedade em que o espaço público é reservado aos homens, o espaço privado se torna por excelência o lugar das mulheres, o que não muda com a entrada destas no mercado de trabalho. Portanto, é no âmbito privado e na intimidade que se dá grande parte das violências. Contudo, se a fofoca é desencorajada, corta-se o elo que permite com que nós, mulheres, nos identifiquemos umas com as outras e constatemos o essencial: as violências que sofremos não são questões particulares, são coletivas e estruturais.

Quando engravidei, no final de 2017, tive depressão e síndrome do pânico, que na época não soube nomear, senão como desespero e sensação de morte. Como não encontrava relatos consonantes com o que eu vivia, era como se estivesse errada por sentir o que sentia. Então passei a narrar publicamente minha experiência e, para minha surpresa, recebi mensagens de inúmeras mulheres que haviam tido vivências semelhantes. Onde estavam elas antes? Foi quando descobri que a narrativa corrente – no caso, a romantização da gestação – desautoriza as vozes dissonantes e que ela serve a um sistema: convence-se a mulher de que sua realização máxima enquanto ser humano é como esposa e mãe, para que ela não fuja ao trabalho reprodutivo e não exija divisão igualitária das tarefas, de forma que nos espaços públicos ela sempre estará um passo atrás do homem.

Desde então, acredito na fofoca como a palavra-pedra que quebra cimento. E fofocar se tornou minha forma primordial de revolução.

Foto: Márcia Otto



Lian Tai é doutora em Comunicação Social, atriz, poeta e *videomaker* no Slam das Minas RJ e criadora do *podcast* Maternidade de Guerrilha.



COMPULSÕES SOCIAIS

VALEN



a sociedade cispatriarcal me diz
como devo me ver
com quem devo estar
e como devo ser
eles tentam controlar
meu corpo
a roupa que eu visto
o meu sexo e o meu amor

mas prazer e carinho pra mim
não têm limites
já falei que sou de dar tudo isso
sem medir em doses
e que eu, um corpo à margem
desta sociedade torpe
não preciso seguir
os padrões do centro dela
pois eu fiz de mim mesma
o meu próprio centro
o meu próprio padrão
na esperança de escapar
das suas compulsividades
que machucam
e fazem as pessoas se desconstruam
de si mesma e de seus afetos
monogamia fechada
pra mim não é obrigação
reprimir minha sexualidade
pra mim não é opção
e o padrão da cisnormatividade
pra mim não tem validação

se a palavra é

DESCOLONIZAR

então vamos descolonizar

nossos corpos

nossos desejos

nossos sexos

e nossos afetos

que toda mulher possa

mergulhar em suas vontades

explorar livremente sua sexualidade

e não deixar que as compulsividades

nos amarrem no cabresto do patriarcado

realizada me sinto

quando imagino o dia em que

heterossexualidade compulsiva

monogamia compulsiva

e cisnormatividade compulsiva

não predominarão mais nossas vidas

eles podem tentar avacalhar os nossos afetos

mas estejam certos

de que pessoas trans, relações homoafetivas e poliamorosas

continuarão aqui

existindo e resistindo
mesmo que desdenhem
da nossa potência
e se você leu tal poesia
e pensa que também não quer mais seguir
as compulsões sociais
só posso te dizer uma coisa
bem-vinde, que você seja feliz
neste mundo em que irá se descobrir
pois saiba que
nunca é tarde demais pra se conhecer
nunca é tarde demais pra exercer o seu prazer
nunca é tarde demais pra você ser verdadeiramente...
VOCÊ.

Meu nome é Valentine, JAMAIS Valentina
e eu tenho esperança de que a gente possa

sem os padrões de uma sociedade mal resolvida
aproveitar plenamente e intensamente a vida

Foto: Helena Bielinski



Valen é cantora, *rapper*, compositora, *slammer*, escritora, articuladora cultural e atriz. A artista começou sua carreira nos *slams* (batalhas de poesia falada) em 2019, sendo a primeira mulher trans *slammer* do estado do Rio de Janeiro, e rapidamente ganhou a cena carioca dos *slams* com suas poesias.

QUANDO NITO
NASCEU, FOI UMA
ALEGRIA SÓ



SONIA ROSA

**Quando Nito nasceu, foi uma alegria só.
Todo mundo ficou contente!**

Essas são as duas primeiras frases do meu livro de estreia no ano de 1995, *O Menino Nito*. Desde então, em todos os “nascimentos” dos meus livros, venho me comprometendo com o “bem-estar” dos meus leitores, isto é, das crianças que têm acesso aos meus livros, seja ouvindo ou lendo minhas histórias. Escolhi contemplar o protagonismo negro em minhas obras, por questões de ordem identitárias, porque sou uma mulher negra de família negra, e quando criança não me via dignamente representada nos livros de literatura, nem minha família. Gosto das crianças, todas elas. E acredito que as histórias infantis e os livros ilustrados precisam ser produzidos e oferecidos a todas as crianças, como “um abraço quentinho”, e nunca como “um empurrão desprezante”. As crianças negras dentro desses enredos ilustrados em formato de livro, quando se encontram referenciadas, ficam felizes; as crianças “não negras” têm a oportunidade de ampliar seu conhecimento de mundo e também ficam felizes. É um contentamento geral, aquele contentamento que deve existir no encontro entre o leitor e o livro. Nunca devemos “magoar as infâncias”. Quando escolhi na juventude ser professora, e na fase adulta ser escritora de literatura infantil, tinha consciência de que essas escolhas me dariam para todo o sempre uma ambiência de “trabalho” diferenciada. Estaria perto das crianças, ensinando e aprendendo com elas, dentro e fora da escola, dentro e fora dos livros que escrevo, aliviando a dureza da vida e provocando boas ideias... que geram textos... que geram livros...

Tive a felicidade de viver uma experiência gratificante a convite do Sesc. Particpei de um encontro, promovido pela unidade Sesc Niterói, intitulado “Clubinho do Livro: o protagonismo das meninas negras na Literatura Infantil”. Quanta alegria! Tenho muitas personagens negras em meus livros, entre elas Lindara, Monifa, Esperança Garcia, Dona Brígida, Alice, Clarisse... Foi muito prazeroso falar das minhas personagens com as crianças. E contei para elas “as histórias das histórias”. Esse encontro, além de ser uma conversa amorosa sobre meus livros, teve um público muito atento e simpático. Eram todas crianças! Esse foi o diferencial da conversa. Fiquei muito à vontade com as crianças participantes. Ri, contei histórias, ouvi muitas outras contadas pelas crianças, brinquei, dancei, cantei, respondi perguntas... foi mágico, encantador, renovador... Quando acabou o encontro, eu me senti leve, leve tal qual um beija-flor... As crianças têm essa potência no dizer, no explicar, no concordar e também discordar... O tempo passou rápido enquanto a gente conversava sobre livros e histórias, mas a alegria vivida foi potencializada em mim após o “encontro mágico” e continuou até o dia seguinte. Conversar com crianças é assim: verdadeiro, transparente e faz emergir a nossa essência.

Nesses tempos difíceis de pandemia, quem tem a oportunidade de conviver com uma criança tem um grande tesouro, porque ela é fonte inesgotável de esperança e certeza de futuro. A alegria delas cura todas as tristezas e provoca boas ideias para boas histórias para alegrar outras crianças, neste ritmo bom da própria vida que é criar, recriar, renascer...

Que todas as infâncias sejam respeitadas!

Viva a leitura!

Foto: Karen Navega



Sonia Rosa é carioca e escreve poesia desde os 13 anos. É mestre em relações étnico-raciais (Cefet/RJ), pedagoga, escritora de literatura negroafetiva para crianças e jovens e consultora do letramento racial em escolas do Brasil. Tem mais 60 livros publicados, alguns editados fora do Brasil: França, Canadá, Galícia, EUA. Tem dez bibliotecas batizadas com seu nome em escolas do Rio de Janeiro. Costuma dizer que a leitura sempre alimenta as ideias e que quem conta uma história abraça! Instagram: @escritorasoniarosa

MORDIDA ÚMIDA SOPRO LENTO

ANA CLÁUDIA ALMEIDA

Ana Cláudia Almeida, por Marcelo Campos e Pollyana Quintella

(texto escrito para a exposição *Abstrações*, que ocorreu no Arte Sesc entre setembro de 2022 e março de 2023)

É uma artista interessada em explorar materialidades através do movimento e da gestualidade. Seu trabalho incorpora papel, plástico, pastéis e óleo, abrangendo vários meios, como pintura, vídeo e escultura. As investigações de Almeida procuram resistir e perturbar o papel dominante que a funcionalidade desempenha na forma como os objetos são compreendidos, envolvendo a tensão dinâmica entre interior e exterior, indivíduo e ambiente. Essa posição é articulada através do exame da relação entre a natureza e os espaços construídos pelo homem, como paisagens urbanas e sistemas sociais de religião, gênero e sexualidade.

Nascida no Rio de Janeiro, formada em Design pela Esdi/UERJ, Ana Cláudia Almeida vem pesquisando as relações entre a pintura e os gestos que configuram experiências expressivas. Submergir, abrir buracos, criar crateras são atos que interessam à artista e que presenciamos, palavra melhor do que “vemos”, no contato com sua produção. Fazer da matéria corpo, pensar manchas informais como fluidos, buscar a impregnação do odor. Essas são as tarefas e os desejos sugeridos pelo modo como Ana Cláudia Almeida provoca as abstrações.

Amassar as telas planas da pintura para que elas ganhem tridimensionalidade. Suspende tecidos para criar certas flutuações faz com que as obras de Ana Cláudia Almeida ganhem certa mundanidade, dessacralizando a planaridade bidimensional que acaba por gerar outras aproximações conceituais, como se tivéssemos contato com não corpos ancestrais da cultura africana. Efeitos aquosos e valorização da presença das bordas são recorrentes nas obras da artista. Conferir protagonismo aos rabiscos ou pintar ao ar livre parte das estratégias de Ana Cláudia Almeida, que também divide com a natureza do sol, da chuva e do vento as decisões a serem incorporadas.

Foto: Thales Leite



Marcelo Campos é professor associado do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ. É curador do Museu de Arte do Rio. Foi diretor da Casa França-Brasil entre 2016 e 2017. É professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e membro dos conselhos do Museu do Paço Imperial (RJ) e do Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (RJ). É doutor em Artes Visuais pelo PPGAV da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Foto: Renato Parada

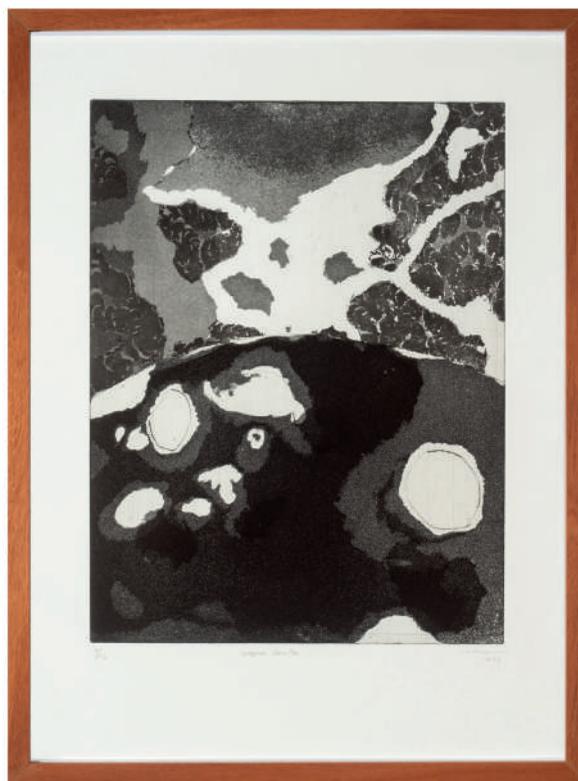


Pollyana Quintella é escritora, pesquisadora e curadora da Pinacoteca de São Paulo, onde organizou exposições como Lenora de Barros: Minha Língua (2022-23), Cao Fei: O futuro não é um sonho (2023-24) e Lygia Clark: Projeto para um planeta (2024). É doutoranda pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em História da Arte.



Mordida úmida (2022)

Água-tinta e ponta-seca sobre papel
38 x 40 cm
Acervo Sesc RJ



Sopro Lento (2022)

Água-tinta e ponta-seca sobre papel
38 x 40 cm
Acervo Sesc RJ

ENTRE VISTA

Foto: Bruno Leão



ANA CLÁUDIA ALMEIDA

Em 2022, o Sesc RJ organizou a exposição *Abstrações*, uma mostra composta de obras de artistas mulheres que exploram o caminho da abstração em diferentes tempos. As artistas Anna Letycia, Anna Maria Maiolino, Fayga Ostrower e Renina Katz estavam acompanhadas de Ana Cláudia Almeida, artista convidada, cuja obra integrou o acervo recentemente.

Finalista do Prêmio EDP nas Artes em 2018 e indicada ao Prêmio PIPA em 2020, Ana Cláudia Almeida já teve obras expostas em diversas instituições, como a Fundação de Arte de Niterói, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o Instituto Tomie Ohtake, o Paço Imperial, o Museu da República, o Galpão Bela Maré e o Solar dos Abacaxis. As peças “Sopro lento” e “Mordida úmida”, produzidas em 2022 em água-tinta e ponta-seca sobre papel, são hoje parte do patrimônio artístico do Sesc RJ.

Esta entrevista com Ana Cláudia Almeida foi feita no início de 2024 pela editora-chefe da **Paquetá**, a jornalista Luiza Miguez, e pela assessora de cultura do Sesc RJ e museóloga Ana Paula Rocha. Ana Cláudia estava nos Estados Unidos, onde cursa mestrado em artes, e falou sobre sua produção artística e a relação com materiais, pensamentos acadêmicos e ação conjunta entre mulheres.

Ana Paula: Ana, você está onde?

Ana Cláudia: Eu estou em New Haven, Cone, fazendo um mestrado em Yale, estou aqui nesses dois anos. Eu cheguei em agosto de 2023, tem seis meses, mas parece que tem um ano. Eu vim fazer o programa de mestrado em artes visuais em pintura, um programa bem prático, cada aluno tem seu próprio ateliê.

Ana Paula: Na sua produção de modo geral, fica muito evidente como você se alinha com os suportes e as técnicas. Antes de falar dos trabalhos mais recentes e da sua pesquisa atual, queria que você contasse sobre seu percurso. Como são seus primeiros trabalhos? Eu sei que você vem primeiro do *design*, então se puder falar das primeiras escolhas...

Ana Cláudia: A minha formação é em desenho industrial e, quando estava no meio da faculdade, eu comecei a pintar, mas de uma maneira muito intuitiva, pintava tecido com o dedo. E aí, em algum momento, durante um intercâmbio pros Estados Unidos, na Virginia Commonwealth University, eu tive aula de pintura, comecei a experimentar óleo. O óleo foi uma grande paixão à primeira vista e, quando eu

voltei pro Rio de Janeiro, eu fazia muito óleo sobre papel, porque o papel é um material barato. Daí a grana curta... muito por ter vindo do *design*, a gente tem uma coisa com papel, é um material que a gente ama, por causa da relação com a impressão também, e muitas vezes numa tentativa de desconstruir o retângulo. Em algum momento, comecei a experimentar com pastel oleoso, porque a grana estava mais curta ainda. Tem um *kit* barato da Pentel que tem uma saturação de cor boa. E comecei a desenhar bastante. Eu tinha uma coisa com desenho e cor, mas mais quando era criança. E foi muito legal porque foi um momento em que eu comecei a ter algum reconhecimento. Eu sou muito apaixonada por experimentação material, de experi-

A GENTE ESTÁ VENDENDO O MUNDO MUDANDO E NÃO TEM MUITO CONTROLE, E EU ACHO ISSO LEGAL. VÁRIAS COISAS SÃO RUINS, MAS EU ACHO INTERESSANTE ESSA PERSPECTIVA HUMANA DE VOCÊ NÃO PODER CONTROLAR TUDO, TEM MUITA COISA ALÉM DO QUE A GENTE ENTENDE.

”

mentar técnicas. E pensar maneiras baratas de produzir sempre acaba sendo um motivador para muitas técnicas que eu descobri. Também comecei a fazer testes com resina e fazia mistura de resina com pigmento, para fazer tinta caseira. E aí não deu muito certo. Enquanto isso, ia fazendo os desenhos com pastel, mas tentando trazer o pastel para a tela também. Só que o pastel oleoso na tela de algodão não funciona bem. Daí, um dia, no ateliê, eu fiz uns desenhos e deixei a tela jogada no chão, e depois limpei o pincel de resina e manchei o tecido. No dia seguinte, vi que tinha um plástico embaixo que tinha grudado no algodão, e quando eu desgrudei ali, da tela, vi que tinha ficado uma textura muito legal. Foi então que tive a ideia de fazer esse processo meio de gravura, de desenhar com o pastel, e depois no verso aplicar a resina, que gruda um plástico embaixo da tela, e isso cria uma gravura. Só que eu também fui experimentando várias outras coisas, com materiais diferentes. Por ter começado com a resina, comecei a achar umas texturas mais arenosas, que criavam relevo na pintura. E uma coisa leva a outra. Você vai ver que eu tenho várias técnicas, porque a paixão pelo material me move muito, descobrir como fazer uma pintura de 35 jeitos diferentes.

Luiza: Você falou um pouco da relação com as cores na infância. Se você puder falar sobre sua relação com a arte na primeira infância, se tinha uma relação dentro de casa ou no ambiente escolar... Como foi surgindo dentro de você essa inspiração artística?

Ana Cláudia: A minha mãe sempre gostou muito de arte, e ela fazia questão de sempre que podia – não eram muitas vezes – levar a gente no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro). Eu e meu irmão tínhamos uma coisa de competição, de irmãos. Eu lembro que a gente competia quem desenhava melhor, meu irmão desenhava algo muito detalhado, e eu desenhava uma flor enorme colorida. E eu acho engraçado como minha relação era muito mais com a pintura, com a cor. Era mais uma coisa da forma preenchida do que da linha.

Luiza: Você mencionou essa sua inspiração de tentar fazer uma obra de 35 maneiras diferentes, mas também parece que tem uma relação com o tempo aí, como as coisas vão se sobrepondo, até mesmo com a história do plástico atrás da resina na tela. Você pode relacionar sua arte com essa noção da passagem do tempo? E se você quiser, também, tentar investigar aqui com a gente a origem dessa sua inspiração?

Ana Cláudia: Eu acho que, por causa dessa investigação material, houve algum momento em que eu comecei a perceber a superfície como um recorte do tempo. Que aquela superfície está informando sobre um processo gestual, de corpo, enquanto você estava fazendo a tela. No passado, eu fiz muitas coisas em que os trabalhos no papel ficavam expostos às condições climáticas, colocar no vento, na chuva. Eu nem faço tanto isso, mas me deu um entendimento da janela do tempo, de congelar uma sequên-



cia de momentos através da pintura. E eu acho que me interessei por isso porque na verdade está muito relacionado com o interesse do movimento. Eu acho que o movimento das coisas me chama atenção, a continuidade, o fato de estar tudo se transformando o tempo todo. Nada para. Principalmente na sociedade em que a gente vive, há muita informação, muito estímulo o tempo todo, muita coisa acontecendo. Eu acho que essa percepção fica ainda mais forte. A gente está vendo o mundo mudando e não tem muito controle, e eu acho isso legal. Várias coisas são ruins, mas eu acho interessante essa perspectiva humana de você não poder controlar tudo, tem muita coisa além do que a gente entende.

Luiza: E essa consciência parece colocar você num lugar de observadora, de não tentar justamente controlar isso.

Ana Cláudia: Eu acho que é um movimento duplo, porque eu interfiro na tela, eu faço uma ação que vai gerar uma marca, mas tem uma parte que eu não tenho o que fazer, que eu vou assistir. Então não é nem uma posição passiva, mas é isso também, é um vai e volta.

Ana Paula: Você traz uma questão, Ana, que eu também tinha anotado aqui pra gente conversar, que é esse impacto das questões do ambiente, os elementos naturais na sua pesquisa, e que eu acho que aparece pelo menos de duas formas no trabalho: nessa feitura das obras, como você falou, colocar o papel na chuva, no ambiente, estender as telas no chão, incorporar agentes de clima, como vento, água, folhas, mas, além do processo de feitura, aparece, de alguma forma, como um eixo temático, né? E queria que você falasse um pouco sobre esse aspecto de seus trabalhos, como você chega a isso que a mobiliza aí.

Ana Cláudia: Eu acho que tem uma coisa que eu estou entendendo agora aqui que é a diferença entre os estímulos externos e os internos, sabe? E eu entendo que essa parte da minha pesquisa que olha mais para a natureza está muito relacionada aos estímulos externos, tanto que, muitas vezes, quando eu falo de natureza, eu estou falando muito de cidade, sabe? Eu sou do Rio, né? E o Rio é uma cidade que é cheia de natureza e que é muito conhecida pelas belezas naturais, mas que a partir do momento em que você sai das áreas turísticas e vai pra dentro da cidade, para a zona oeste, para a zona norte, você ainda vai ver muita natureza, mas você também vai ver muito descaso com a natureza, como parte da qualidade de vida da população. Você vai a Campo Grande, por exemplo, você vê aquelas montanhas lindas. Campo Grande é cercado de montanhas. Mas, ao mesmo tempo, quando você está no calçadão, não tem uma árvore, entendeu? É um calor insuportável. E é assim em vários lugares do Rio de Janeiro. Na maior parte do Rio de Janeiro, na verdade. Você tem ali a natureza presente o tempo todo, em volta, mas, ao mesmo tempo, você não tem muito acesso. Eu acho que o primeiro gatilho que me fez começar a pensar sobre isso foram os rios mesmo. Porque eu moro num lugar, e os outros lugares em que eu morei também, cercado de valão. O que é o valão? É um rio canalizado, né? Que virou um esgoto, um esgotão. E a gente para de perceber aquele esgoto a céu aberto como uma coisa que um dia foi um rio. E eu acho isso muito simbólico, de como não existe uma preocupação com o bem-estar da população na periferia. Porque isso afeta diretamente a nossa qualidade de vida. E eu percebi isso depois de vir morar nos Estados Unidos, e morar numa cidade que tinha um rio onde as pessoas nadavam, no meio da cidade. Como é

que você mora numa cidade que tem um rio onde você nada? Uma cidade, assim, urbana, urbanizada. Isso podia acontecer no Rio de Janeiro, mas não há cuidado, não há interesse nenhum para que a gente tenha acesso a essas coisas. Então, quando eu penso em meio ambiente, eu acho que, na maioria das vezes, é por uma questão quase que do urbanismo, do planejamento de cidade, por eu ser uma pessoa que cresceu numa cidade grande. E também é de como essas presenças, essas ausências de natureza, afetam a gente emocionalmente. Porque isso influencia diretamente no nosso bem-estar, como a gente se sente bem no lugar onde a gente vive, no lugar onde a gente cresceu. É totalmente diferente você acordar e dar de cara para o valão, ou você acordar e dar de cara para um riacho limpo no Jardim Botânico, entendeu? No quintal da sua casa. Então, é esse o universo que eu estou pensando. Trabalhar pensando na natureza num trabalho de arte é muito... Acho que não é delicado a palavra, mas ambíguo, sim. Porque é um exercício muito grande meu de pensar como não deixar o meu trabalho ser romantizado, sabe? Porque, a partir do momento que você tá lidando com natureza, tem aquela coisa muito... Ah, é uma cachoeira! Ah, é o fundo do mar! Ah, é a fada na floresta. É o meu maior desafio, atualmente. Entender como desconstruir essa romantização da natureza no trabalho.

Ana Paula: Você acha que isso se traduz de alguma forma no que você vem fazendo? Quer dizer, você está só há seis meses aí, mas, de alguma forma, você vê algum questionamento surgindo? Eu não digo isso de uma forma idílica, como você mesmo mencionou. Mas eu quero dizer mais se isso a faz questionar de alguma forma como você vai representar isso.

Ana Cláudia: Sim, eu tenho pensado muito sobre isso aqui, porque eu acho que isso tem se refletido muito nos materiais que eu estou usando aqui também, porque eu estou incorporando outras coisas no meu trabalho. Por exemplo, eu expliquei um pouco desse processo, dessa monotipia, nessa pintura que é meio gravura, eu contei que tem um plástico que ele faz parte do processo de pintura. Esse plástico era um material que eu descartava antes e esse plástico eu estou incorporando agora no trabalho. Estão surgindo materiais que eu estou tentando puxar essa artificialidade que é importante para o meu trabalho também. E, além disso, quando eu falei que aqui eu entendi essa coisa do externo e do interno... Então, ao mesmo tempo que eu estou puxando por essa artificialidade de uma maneira mais direta e contundente no trabalho, eu também estou fazendo um movimento contrário, que é o de olhar pra dentro. Quais são as coisas que me estimulam e que são importantes para mim, dentro da minha perspectiva como pessoa, da minha história pessoal, num lugar mais íntimo. Eu estou olhando, sei lá, para a história das religiões, sabe? Eu venho de uma família muito religiosa, muito evangélica, tenho pensado sobre sexualidade, como religião e sexualidade se conectam, eu tenho falado sobre autonomia, autonomia sexual e como não é nem espiritualidade, mas religião mesmo, como isso vai ser cortado e interferido, como as religiões afetam a vida das pessoas. Estou nesse momento, mas tendo essa dualidade dentro e fora.

Ana Paula: Eu ia perguntar, agora mais voltada até para a exposição que foi feita aqui no **Sesc**. Bom, a *Abstrações* vai mesclar esse posicionamento do **Sesc** com o próprio acervo, e até uma reflexão sobre o próprio acervo de obras de arte institucional. E aí você apresenta nesta exposição, Ana, três obras, duas gravuras e uma instalação. Queria que você falasse primeiro dessas duas gravuras, a *Mordida úmida* e a *Sopro lento*. Como foi essa concepção, tanto técnica quanto conceitual, delas? Eu me lembro que você chegou a comentar que não tinha tanta proximidade com a gravura, enquanto técnica.

Ana Cláudia: Esse trabalho é muito especial pra mim, eu amei fazer. Que legal que você perguntou justamente dele! Porque eu queria experimentar a gravura há bastante tempo, desde que eu vi a Heloisa Hariadne, que é uma artista de São Paulo. Ela tem uma série de gravuras que é a coisa mais linda do universo. E, na época, quando ela lançou aquela série, eu fiquei muito estimulada. Eu falei: "meu Deus, que técnica é essa? Eu quero conhecer". E era gravura em metal. Quando surgiu o convite da exposição, que era uma exposição só de gravuras, com gravuristas, gravadoras mulheres e tudo mais, eu pensei: "caramba, é agora!". Como é que eu vou participar de uma exposição só de grava-

doras e eu não vou fazer uma gravura?”. Foi difícil achar um lugar para fazer, até porque o tempo era curto e eu acabei tendo que fazer lá em São Paulo. Fui para um ateliê em São Paulo que trabalha com colaborações com artistas. E aí foi engraçado porque eu cheguei lá e falei que eu tinha quatro dias para fazer a gravura. E aí eles falaram: “ah, tem quatro dias para fazer a gravura e você nunca fez isso na sua vida. É, você é doída, né? Ah, você é maluca, né?”. Não é simples, sabe? Mas eu falei: “ah, não, eu vou aprendendo, vou fazendo. Se ficar ruim, eu faço de novo”. E aí, eu acho que uma coisa que joga a meu favor é o fato de que eu deixo muito o processo me levar. E se uma coisa não sai exatamente como eu quero, eu incorporo aquilo no trabalho, eu penso um jeito de contornar. Então, esses dois trabalhos foram um momento de descobrimento da técnica mesmo. Não tem nem uma questão mais conceitual, assim, porque eu estava ali descobrindo como usar a ponta-seca. E aí cada traço era um entendimento: “Ah, se eu fizer assim fica mais grosso, ó, se deixar... Se eu fizer assim com verniz, vai ficar de uma maneira. Se eu fizer de outro jeito, fica de outra”. Foi muito um processo de encantamento pela técnica mesmo. Que eu fui ali, passo a passo, junto com a equipe, com os impressores de lá do ateliê, entendendo como é que funcionava. Foi muito mágico, eu amei, nossa! Eu acho que é um dos trabalhos que eu tenho que eu mais gosto, assim.

Luiza: É, isso que eu ia perguntar. Esse aprendizado, de alguma forma, você acha que vai influenciar o seu trabalho daqui para a frente?

Ana Cláudia: Eu quero, primeiro de tudo, fazer mais. Mas é isso, é complicado. É uma técnica que demanda conhecimento. O cobre é caríssimo, entendeu? As placas são caras. Então, é uma coisa que eu não sei quando vou fazer de novo, mas eu quero fazer de novo. Mas eu acho que teve alguma coisa que eu entendi muito durante o processo de nomeação do trabalho, porque, depois que eu fiz as duas telas, imprimir, eu tive que dar nome, e aí os nomes eram

ENTÃO, AO MESMO TEMPO EM QUE EU ESTOU PUXANDO POR ESSA ARTIFICIALIDADE DE UMA MANEIRA MAIS DIRETA E CONTUNDENTE NO TRABALHO, EU TAMBÉM ESTOU FAZENDO UM MOVIMENTO CONTRÁRIO, QUE É O DE OLHAR PRA DENTRO.

”

Mordida úmida e Sopro lento, que é essa coisa supersensual. E aí essa sensualidade... primeiro que eu não sou boa para dar nome, vários trabalhos meus são sem nome, sem título, porque,

enfim, eu não sou boa com palavras. Mas esse trabalho, eu acho que talvez esse foi o primeiro momento em que eu me dei essa abertura pra fazer essa mescla de pensar a natureza com o corpo também, sabe? Trouxe uma sensação de solidariedade para o trabalho que eu gostei muito, e que foi prazeroso para mim. Então, eu entendi isso, enquanto eu estava dando nome pro trabalho. Há coisas que vão continuar para o meu trabalho a partir dessa experiência, mas que eu estou entendendo ainda. Com certeza, foi um ponto de... começo? É, não sei se é começo, mas é o estalo, assim, que inicia coisas.

Luiza: De repente, tem um músculo aí que você já tem muito exercitado na parte das artes, de não se apegar ao processo, deixar as coisas fluírem, que você pode trazer para as palavras, né?



Ana Cláudia: É, eu acho que sim, eu acho que sim. Que é uma coisa... quase um relaxamento muscular das palavras, sabe? Que é difícil, mas que foi gostoso. E que é muito revelador. Porque é sobre o que o seu subconsciente está trazendo para você.

Ana Paula: Achei muito interessante, porque você faz esse reincorporar, recoloca o corpo dentro desse universo do ambiente também, de uma forma... com os títulos, com as imagens. E eu fiquei pensando sobre a instalação que você propõe também lá para o *Abstrações*, que é uma tela de mais de 20 metros. E que, a cada unidade Sesc que a tela vai, ela é repensada e remontada para cada uma dessas galerias. Vai se criando novas formas para essa tela e instalação. E eu fiquei pensando, um pouco vendo também essa montagem do trabalho, como seu gesto ele vai se misturando a essa tela. Então, à medida que você seleciona qual o ponto de fixação, qual o ponto que vai ficar em contato com o chão... com o chão ou com as paredes, o que fica suspenso pelo próprio peso da obra. Fiquei pensando se você encara isso também como um processo performático de construção desse trabalho. Se você puder contar um pouco sobre isso...

Ana Cláudia: Eu acho que performático... acho que eu nunca pensei nesse sentido, assim. Mas acho que é muito plástico. Porque a instalação, a montagem do trabalho, é um momento muito crucial para mim. Inclusive, há muitos trabalhos que eu não gosto deles isoladamente. Muitos trabalhos meus que eu não gosto deles individualmente. Mas eu gosto deles quando eles estão em contexto com outros trabalhos, de pensar essas obras quase como um ecossistema, como coisas que andam juntas. Então, no momento da instalação, seja de um tecido que vai dobrar ou uma coisa que é superfluida, ou seja de uma tela que você só prega ali na parede, que é o mais comum, é uma nota de construção plástica do trabalho também. É o momento em que o trabalho se finaliza. É por isso que eu gosto muito de expor. Por causa da montagem. Dentro do ateliê, o trabalho é como uma bola de caos, assim. Quando você tira do ateliê, e o coloca no espaço, em relação com as coisas, para mim é ali que o trabalho acontece. Ali que é a finalização.

Ana Paula: Eu fiquei pensando também muito em como se aproxima, pensando também no processo plástico, a *Submersiva*, a obra que você trabalha com Carla Santana, o contexto de piscina. Você pode contar também sobre esse trabalho específico?

Ana Cláudia: Sim. Esse trabalho surgiu a partir da piscina. O Auroras abriu um edital para ocupar a piscina. A gente ficou batendo cabeça. E a gente olhou para as coisas que já tinham na nossa pesquisa. A Carla tem uma série que é de esculturas em argila, em que algumas estão queimadas e viram cerâmica, e outras não estão, e aí ela mergulha esses trabalhos em aquários de água, e alguns se desfazem, outros não. E eu tinha uma *performance* em que eu pintava dentro da água, no papel, que era uma piscina. E aí eu estendi um papel muito grande, e começava a pintar em cima desse papel. Enquanto eu pintava, o papel ia se desfazendo, ia rasgando, ia se acabando. E aí, a partir disso, surgiu a ideia de fazer uma pintura dentro da piscina, debaixo da água. A gente fez a pintura com a piscina vazia e depois a gente encheu a piscina d'água. E acho que isso veio muito das nossas práticas mesmo e de trabalhos performáticos também, nesse caso acho que mais diretamente, porque eu tinha essa *performance* e a Carla tem esses trabalhos, que é a *performance* da escultura.

Luiza: Incrível! Trazendo um pouquinho a entrevista para o contexto da edição do número 2 da **Paquetá**... A gente tem uma edição apenas com mulheres. Trazendo um pouquinho de você, dos seus processos, dos lugares que você ocupa, se você pudesse falar um pouco sobre como é que você se relaciona dentro da arte com relação a você mesma, você como mulher, como artista. Como é que você interage com outras mulheres dentro da arte? Como é que você enxerga esse coletivo, esse trabalho em colaboração?

Ana Cláudia: Esse é um ponto muito fundamental do meu desenvolvimento como artista.

Luiza: Por quê?

Ana Cláudia: Eu só comecei a me levar a sério como artista por causa de outras mulheres. Logo que eu voltei do intercâmbio e comecei a levar a pintura mais a sério, a gente fez um coletivo, que é o Trovoa. Eu e a Carla Santana, a Laís Amaral e a Ana Clara Tito. E ali foi um momento de profissionalização, digamos assim, de

o coletivo tenha tomado uma outra dimensão, dentro da minha prática, se eu preciso contratar assistência para fazer um projeto que seja maior, eu sempre vou priorizar trabalhar com mulheres. Às vezes eu trabalho com homens também, mas eu sinto que é uma coisa que me dá prazer, sabe? Estar com outras mulhe-

res, trabalhar com outras mulheres e me conectar com as produções delas também, porque geralmente elas também são artistas, elas têm uma linguagem delas. É muito o fundamento da minha prática. Não aparece no meu trabalho de uma maneira mais nítida, talvez, mas eu acho que não aparece justamente porque é o fundamento.

As coisas que formaram e que estão ali por baixo, e que ninguém vê, mas que é o que dá sustento mesmo.

Luiza: Você falou também nesse começo que de repente também é um lugar de força e até de coragem, né? Dá uma encorajada também você estar cercada de pessoas, tem um pouco desse lugar de segurança também, né?

Ana Cláudia: Sim, porque esse ambiente da arte é muito intimidador. Há os museus, há os centros culturais, há uma caralhada de espaço independente que é massa, mas, quando você

EU ACHO QUE ERA ESSE DESEJO DE MUDANÇA, DE QUE EU QUERO QUE ESSA SEJA A MINHA FONTE DE RENDA. E EU SEI QUE AS PESSOAS NÃO GOSTAM DE FALAR DISSO PORQUE TEM UM LUGAR DE “AI, VOCÊ NÃO PODE FAZER ARTE PELO DINHEIRO” E TUDO MAIS.

“agora eu estou levando a sério uma pesquisa de verdade”. A função desse coletivo na minha vida foi justamente de estímulo mesmo, assim: “a gente quer fazer uma exposição em tal lugar, vamos lá conversar e ver se abre um espaço pra gente. A gente quer fazer tal curso, a gente não tem grana, vamos lá pedir uma bolsa juntas”. Foi muito formativo pra mim. Foi muito, muito, muito importante o meu desenvolvimento e é importante até hoje, porque, por mais que

começa a entrar num circuito mais profissional, e você começa a circular pelo espaço comercial, começa a lidar com venda, galeria, essas coisas, é um mercado de luxo. É um mercado de pessoas ricas para pessoas ricas. Não é uma circulação natural, não é um ambiente confortável, não é o ambiente mais agradável. Se você não tiver a sua galera, e quando eu digo a sua galera, eu quero dizer, assim, pessoas que você sabe que estão do seu lado ali para lhe dar apoio, você pode se sentir muito isolado, muito assustado, porque é um ambiente um pouco assustador.

Ana Paula: É, eu acho que há vários atravessamentos. Quando você fala em mercado também, acho que isso vem mais uma camada, que a gente fala em mulheres negras, né, acessando esses espaços também. Que é uma questão que entrou atrás, na sua discussão. Você acha que o Trovoa nasce por algum motivo que vocês percebem específico?

Ana Cláudia: Eu acho que surge justamente dessa necessidade, de como encarar um meio que você não conhece, que é hostil a você. E aí tudo é muito mais fácil se você faz em grupo, entendeu? Tudo é muito mais tranquilo você fazer acompanhado do que você fazer sozinho. Então, o coletivo surge a partir dessa necessidade. Vamos fazer junto. Vamos fazer junto para a gente conseguir, para a gente tentar desbravar esse lugar que a gente quer, que a gente quer estar, que a gente quer trabalhar com. Eu acho que tem uma questão da profissionalização, que foi muito central no início do Trovoa. Porque eu não preciso estar no circuito de arte para fazer a arte, para fazer a arte da minha casa, não preciso de ninguém, só preciso de mim mesma, do meu corpo, não preciso de mais nada. E

todas nós tínhamos, eu acho que com exceção da Carla, que fez artes visuais mesmo, mas eu, Laís e Clara, todas nós tínhamos outras profissões, outras formações, que não eram em artes visuais. Eu acho que era esse desejo de mudança, de que eu quero que essa seja a minha fonte de renda. E eu sei que as pessoas não gostam de falar disso porque tem um lugar de "ai, você não pode fazer arte pelo dinheiro" e tudo mais. E é verdade, acho que isso é verdade também. A chance de você fazer uma arte ruim só pela motivação financeira é muito grande. Mas eu acho que tem uma coisa também... se você acorda às seis da manhã para pegar um ônibus, ficar duas horas, chegar ao trabalho às oito horas da manhã, chegar em casa às nove da noite, você não vai conseguir fazer arte, porque a arte precisa de tempo. E tempo é dinheiro. Então, como você cria uma situação sustentável para você desenvolver o seu trabalho? Para você ter esse tempo e esse dinheiro, você precisa ser um artista profissional. Como você se profissionaliza como artista? Daí surge o Trovoa.

Ana Paula: Você explicou um pouquinho o que você está fazendo do ponto de vista do curso e tal, mas em relação ao que você está desenvolvendo neste momento, você poderia falar um pouquinho mais?



Ana Cláudia: Eu fiz muita experimentação no primeiro semestre com essa coisa da monotipia, que eu fazia antes com a resina. E o meu primeiro foco quando eu cheguei aqui foi de tornar esse processo atóxico. Resina é um inferno. É muito tóxico, o cheiro é muito forte, tem que usar máscara antigases, gruda em tudo. Como é que eu torno o processo mais fácil pra mim? Eu tenho um histórico de fazer tudo da maneira mais difícil, sabe? Ah, é difícil, é caro, é tóxico, é isso que eu vou querer fazer. Então, eu cheguei aqui e falei, “eu quero tornar a minha vida mais fácil e eu vou me empenhar a tornar as coisas mais fáceis para mim”. E, enfim, eu saí dessa rota várias vezes, mas eu fico sempre tentando voltar. Eu fiz muitos testes, muitas pesquisas de como fazer essa monotipia sem resina, com outros materiais. Comecei a usar acrílico, comecei a usar outros tipos de plástico também. Fiz muitos testes. E esse é o ponto um. E é óbvio que mudar o processo e mudar o material também influencia em como o trabalho vai se apresentar. Porque isso muda a textura das coisas muito diretamente, por mais que o processo manual seja parecido. A transferência muda tudo, né? E tem isso que eu também falei de procurar trazer essa perspectiva da sexua-

lidade para o trabalho e de lidar com o corpo de uma maneira mais direta, e com o corpo pensando em sexo e religião, religiosidade. Isso é uma coisa que está acontecendo, e incorporar o meio na obra final, que é eu ter trazido o plástico para os trabalhos. Estou fazendo algumas esculturas com plástico agora. É difícil falar, porque esse programa é um programa que você experimenta muito, muito rápido. Então, talvez, coisas que você faz durante, não necessariamente você vai continuar fazendo.

Luiza: A gente costuma encerrar pedindo que você cite algumas indicações para as pessoas que estão lendo a gente. E aí pode falar série, pode falar filme, ou mesmo exposições. Enfim, coisas que você recomenda. Recomendações culturais. Há algum acadêmico específico que você acha muito legal?

Ana Cláudia: Eu acho que o Abdias é uma grande referência, sim. Ele tem me servido muito para contraponto em textos acadêmicos em que eu preciso de uma fundamentação da história do Brasil, sabe? Eu tenho pensado e sempre penso muito no James Baldwin, porque ele é muito interessante, né? Ele tem essa coisa de uma infância religiosa, mas uma vida adulta de sexualidade, ele fala sobre isso de uma maneira muito no lugar das relações humanas, que eu gosto muito. A sutileza das relações me encanta muito.

Ana Cláudia Almeida
Sem título (Untitled), 2022
Bastão de óleo, resina e pigmento sobre tela
Dimensões variáveis
Acervo da artista
Fotografia por Mario Grisolli



DEFICIÊNCIA E MEMÓRIA PROTÉTICA

MARIA STOCKLER CARVALHOSA



O Palavra Líquida operou uma transformação muito íntima e radical na minha vida, porque, ao longo de todos os anos, aguardava sempre com medo o dia 23 de setembro. Essa foi a data na qual, em 2015, fui internada no hospital pela primeira vez. Isso se tornou uma marca, na minha cabeça, do início do processo médico pelo qual fiquei cega. No entanto, a partir de 2023, o significado e o peso desse dia mudam para mim, porque foi quando tive a oportunidade de conversar com Ricardo Aleixo, no Sesc São João de Meriti. Daqui para a frente, em vez de aguardar o dia 23 com desespero, vou poder me lembrar desse circuito incrível sobre poéticas do sentido, que me proporcionou a alegria de estar junto com essa pessoa que admiro tanto, para falar sobre deficiência como uma forma de expressão do corpo que provoca criações de significado instáveis e novas.

Palavra Líquida é um projeto do programa Cultura do Sesc RJ, cuja construção parte da literatura, mas em diálogo e elaboração conjunta com as artes cênicas, artes visuais, audiovisual e música, em uma busca por dar corpo e língua às várias possibilidades de escrita e leitura do mundo.

A primeira vez que me aproximei mais de estudos de poesia foi em 2021, para resenhar o audiolivro *Palavrear*, de Ricardo Aleixo, para a revista *Quatro cinco um*. Eu estava, naquele momento, começando a pesquisar, junto com um grupo, sobre a produção de audiolivros no Brasil, com o objetivo de montar a *Supersônica*, uma editora específica desse formato, lançada oficialmente em agosto de 2023. Queríamos pensar a respeito de cada audiolivro como um projeto artístico completo, no qual a voz da pessoa que lê passa a integrar o corpo do texto, o que abre possibilidades estéticas nessa ligação que se cria entre os dois leitores: o que fala em voz alta e o que escuta. Depois que ouvi *Palavrear*, ele passou a servir, para mim, como um norte, porque, nele, mesmo sem que ninguém veja o Ricardo, ainda se pode ter uma noção de corpo, *performance* e espaço através da sua voz. Nesse audiolivro, fica evidente que a *performance* é também forma, como escreve o crítico literário suíço Paul Zumthor, que é um dos maiores teóricos da oralidade, em *Performance, recepção, leitura*. A respeito da experiência de ler, ele diz que a compreensão que ela opera é fundamentalmente dialógica: meu corpo reage à materialidade do objeto, minha voz se mistura, virtualmente, à sua. Daí o prazer do texto. Nesse sentido, a leitura provoca uma construção compartilhada de imagens íntimas e de proteção.

No mesmo caminho, a literatura pode ser entendida a partir do conceito de ressonância, como proposto por Wai Chee Dimock. Através da maior valorização da audição, se evidenciaria a ontologia instável dos textos, passíveis de alteração devido à leitura que recebem ao longo do tempo. Isso foi essencial, como uma espécie de revelação, porque eu me sentia, por causa da cegueira, muitas vezes sozinha no meu próprio corpo, de maneira ainda mais grave quando não tinha passado por uma reabilitação de orientação e mobilidade com bengala e depois com cão-guia e, também, durante a pandemia. Eu partia do pressuposto de que nada seria acessível para mim e que precisaria, quase sempre, de descrições dos outros e de formas de adaptação que pareciam menos válidas e, através das quais, eu achava que se criava um desequilíbrio de poder entre a percepção de pessoas que enxergam e pessoas cegas ou com baixa visão, como se uma experiência fosse mais capaz de alcançar a realidade do que a outra.

No entanto, *Palavrear* era, ao mesmo tempo, um livro e uma *performance* que não deviam nada a um suporte visual. Naquele momento, não sabia que Ricardo tem cegueira monocular desde os 18 anos, mas fiquei surpresa com a aparição de pessoas cegas em alguns poemas, sem ser como metáfora para perda, falta ou inconsequência, que são figuras gastas e infeli-

zes, mas muito comuns. Os cegos de Palavrear tateiam e escrevem, como Joyce, Milton e Borges. Na oficina, arte não é apenas aquilo que se vê. Como parte do Palavra Líquida no Sesc São João de Meriti, Ricardo contou que muitas pessoas vêm elogiar o modo como ele dança quando está com o poemanto, sem perceberem que esses são os mesmos gestos nos quais ele tem que usar a mão para poder lidar com o espaço sem esbarrar em nada. Ricardo integra a sua prática de experimentação artística estratégias de sobrevivência relacionadas à cegueira monocular. Ele utiliza a noção de corpografia, que está presente no audiolivro, porque a voz é a expansão do corpo, mas também em outros trabalhos intermídia.

No limite, pode-se ressaltar que a definição do que é uma palavra também passa pela noção de corpo, tanto para a linguística estruturalista de Saussure, com a divisão do conteúdo significado e da matéria significante, quanto para a poesia, através do neologismo verbivocovisual, apropriado pelos poetas concretos da obra *Finnegans Wake*, de James Joyce. Logo, a experiência da deficiência cria uma lacuna de intensidade produtiva, pois ela desloca o corpo físico e perceptual de um parâmetro de normalidade. Não se busca mais o total, mas, sim, a falha, a perturbação e tudo mais que possa distorcer os sentidos.

Em uma passagem de “Preliminares a uma teoria da literatura”, citada por Haroldo de Campos no ensaio “Da tradução como criação e como crítica”, Albrecht Fabri escreve que a tradução nasce da deficiência da sentença. A limitação de uma língua, formato ou canal sensorial é um lugar de criação. Disse, na conversa, que é possível aplicar essa definição à poesia também, mas Ricardo apontou, em resposta, que, “nessa formulação, a sentença é dada como algo de tipo militar. A emissão de uma sentença tem uma implicação de autoridade, enquanto a palavra poética produz na nossa sensibilidade junções inesperadas, possibilidades de contato que a gente não imagina e até atritos”.

Tenho sempre medo de não entender ou estar perdendo alguma coisa quando leio um poema, por isso fiquei muito feliz de ouvir o Ricardo falando que o contato com a palavra poética é sempre ligado a perda, seja, por exemplo, de referências, de noção do espaço ou de certezas. Como disse, ela mais abre buracos sobre nossos pés do que propriamente nos dá caminhos a seguir. Ao se perder, se depara com imagens não vistas. Ler é, também, uma experiência de alucinação. Com os olhos, vemos letras pretas e espaços brancos, palavras e intervalos, até que, nessa repetição, passamos a ver outras coisas, que não estão de fato na nossa frente.

Fiquei legalmente cega entre 23 de setembro e 9 de novembro de 2015, resultado de erros de diagnóstico e de tratamento. Nesse processo, as pessoas perderam seus nomes e suas funções. Os médicos não cuidavam mais de mim, os adultos eram tão frágeis quanto eu, naquele momento com 13 anos. De repente, não conseguia mais ler, que era a coisa que mais amava no mundo. Ao mesmo tempo, comecei a alucinar com palavras escritas por cima do resíduo de visão que tinha. O nome científico para isso, que só viria a descobrir seis anos depois, é síndrome de Charles Bonnet, que é uma condição neurofisiológica que se desenvolve com a perda visual. Pessoas descrevem que alucinam com o repertório que tem: matemáticos que ficaram cegos começam a ver números, pianistas passam a ver pautas e símbolos musicais. Para mim, foi como se os livros tivessem explodido e eu estava explodindo junto. Isso causou algo estranho: apesar de ser cega, minha visão é muito mais colorida e caótica do que antes. Meu problema é muito mais excesso de imagens do que propriamente falta. Na conversa, Ricardo chamou essas imagens que vejo de cinema interior e vou guardar essa definição, porque ela traz, em si, o tratamento técnico de imagem como algo que pode ser construído.

Não sei o quanto vale a pena disputarmos o verbo ver para uma compreensão mais ampla de visão, mas, nesse dia, pude ouvir a posição de Ricardo a respeito do que ele nomeou como "olhocentrismo do Ocidente", contra o qual deve-se buscar uma recuperação radical do corpo como um espaço de informações múltiplas, no qual funda-se a vida. Essa compreensão está em consonância com a formulação de Oyèrónké Oyewùmí, que destaca que sociedades não ocidentais podem ter uma cosmo percepção apoiada em outros sentidos, como a audição, ou em uma junção de estímulos sensoriais. A professora e socióloga aponta que a priorização da visão como sentido supremo de processamento da realidade no Ocidente produziu, no fim, a divisão da sociedade a partir da distinção entre o corpo feminino (invisível) e masculino (visível). Talvez seja por isso que, na minha experiência como uma pessoa cega, a deficiência parece distorcer a categoria de mulher. Tratam-me como cega, em primeiro lugar e, para isso, me desfazem de uma série de signos relacionados à feminilidade. Por mais que isso já tenha sido muito frustrante, acho que é um ponto privilegiado para se pensar, também, em uma construção de corpo e *performance* que seja dissidente do sistema sexo/gênero, o que se alinha a positividade e potencialização dos corpos def através dos estudos da teoria crip. Qualquer um pode se tornar deficiente a qualquer momento. Uma abordagem cripste mológica abre espaço para uma compreensão mais real e generosa do corpo como lugar de transformação.

Ricardo falou muito, durante a conversa, sobre o que ele chama de envelhescência. Quase todas as pessoas vão adquirir deficiências à medida que envelhecem. A pessoa que mais admiro, nesse sentido, é o artista plástico Angelo Venosa, que foi diagnosticado com ELA e foi se tornando uma pessoa com deficiência. No entanto, ele sempre encontrou formas de hackear a doença. Acho que foi a pessoa mais tecnológica que conheci, que construiu maneiras de continuar trabalhando e produzindo até o final da vida. Tive muita sorte de poder ter ficado amiga dele, que me ensinou tanto sobre próteses e saudades.

A linguagem e a produção artística podem servir para a construção de memória, e essas junções e atritos inesperados da palavra poética, que Ricardo destaca, são muito importantes para uma reabilitação na relação com o mundo após algum trauma ou transformação radical, pois não são só uma forma de expressão, mas objetos que podem mudar a nós mesmos. As conversas e apresentações do circuito Palavra Líquida nos ofereceram, também, um espaço de ressonância de diferentes experiências do corpo e da palavra que são essenciais para que possamos alterar nossos próprios sentidos e criar formas de ruptura com um sistema excludente e violento de país. Vida longa a esse projeto incrível, que venham muitas outras edições.

Foto: Jorge Bispo



Maria Stockler Carvalho é escritora e editora da Supersônica Livros. Tem colaborações com a revista Piauí, revista 451, com os *podcasts* Rádio Novelo e 451MHZ. Graduada em Letras pela PUC Rio.

MULHERES QUE ESCREVEM

ESTELA ROSA E TAÍS BRAVO



O mundo desdobrável – ensaios para depois do fim, Carola Saavedra

O mundo desdobrável é uma coletânea de ensaios de Carola Saavedra publicada pela editora Relicário. Escritos durante a suspensão provocada pela pandemia de covid-19, esses ensaios levantam questões sobre a escrita, a leitura e aquilo que foi tradicionalmente (ou não) estabelecido enquanto literatura.

Se há uma crise global que atravessa a escrita de Saavedra, ela não deixa de indicar que há outras crises e outros tempos abertos dentro de nossa contemporaneidade, expondo como isso que se apresenta enquanto um fim pode ser revisado, tornando-se uma outra forma de estar no mundo, ou pelo menos, uma outra forma de escrever e de ler esse mundo – partindo, é claro, de formas e vivências que sempre estiveram aí, coexistindo dentro de uma tensa relação de poderes com as normas que se consolidaram como hegemônicas.

Fui particularmente cativada pelo ensaio “Um teto todo nosso”, em que Saavedra questiona a suposta ideia de universalidade como um parâmetro de qualidade literária, demonstrando como, na verdade, isso que é dito como universal representa apenas um olhar masculino, branco, cisgênero e heterossexual sobre a experiência de estar vivo neste mundo. Conclusão que, por sua vez, a permite reagir a um emblemático fatalismo literário o qual sentencia que não há nada de novo a ser escrito, perguntando se é realmente verdade que todas as histórias possíveis já foram contadas: “Será que já contamos todas as histórias sobre o sexo entre duas mulheres? E sobre o amor entre duas mulheres? (...) Será mesmo que todas as histórias já foram contadas?”.

Ao perguntar se ainda existem histórias que podem ser contadas, Saavedra parece dizer que, sim, mesmo agora ainda é possível escrever. Mesmo agora, em um tempo no qual a única postura ética possível é se perguntar de que adianta continuar a escrever, ainda é possível insistir em inventar histórias e buscar sentidos. Mas essa insistência não se dá sem crises, incômodos e transformações. Então a saída parece ser adentrar a crise, ou permanecer com o problema, como diz Donna Haraway, até encontrar as palavras, até podermos dizer tudo aquilo que foi mantido em silêncio.



Um Exu em Nova York, Cidinha da Silva

Um Exu em Nova York, de Cidinha da Silva, é um livro que, em suas 79 páginas, faz barulho e calma. Nele, encontramos as paisagens de um mundo onde os tempos se sobrepõem. Nos contos de *Um Exu em Nova York*, encontramos personagens que são mulheres que amam mulheres, personagens negras, personagens periféricas, personagens que são pessoas inteiras com vidas que passam diferentes dimensões sociais e afetivas.

Apostando em uma representatividade potente que não acaba em si mesma, a escrita de Cidinha da Silva é uma espécie de captura. Cada conto é como um retrato de uma personagem. Esses retratos podem mostrar eventos pontuais que deixam um rastro de mistério ou acontecimentos definitivos que alteram todos os tempos da história. Há, de modo geral, uma suspensão. As narrativas nos convocam não apenas pelo que contam, mas também pelo que fica de fora da captura.

A capacidade da escrita de Cidinha de transitar por espaços, línguas e contextos sociais diversos é notável a partir de suas referências: Filhos de Gandhi, Martin Luther King, Oxum, Oya, Natalia Borges Polezzo, Audre Lorde, makotas, ebó, exuzilhamento. Essas são algumas das palavras, nomes, expressões que participam de suas mitopoéticas. Mais do que referências, tais termos funcionam como uma espécie de filiação. Ao citá-los, Cidinha marca sua filiação a diferentes saberes, experiências e posicionamentos.

O que Cidinha faz quando escreve é um exercício de reivindicar nossa língua. Durante a leitura, em muitos momentos precisei recorrer ao glossário que se encontra nas últimas páginas do livro. Estranhava os termos, sentia que não compreendia totalmente, que me faltava conhecer e conviver com aquelas palavras. Deparar-me com essa ignorância foi uma importante experiência de incômodo. Um incômodo que se tornou a oportunidade de conviver com o que desconheço. Aberta a essa escuta, entendi que, falando línguas que atravessam os tempos, os contos de Cidinha da Silva nos convidam a explorar e ocupar a margem, um gesto infinito como a experiência de descolonizar nossos afetos, estruturas e subjetividades.



Um jogo bastante perigoso: então, afinal de contas, é possível uma mulher escrever esse tipo de coisa?

Um dos primeiros poemas que li de Adília Lopes foi “no more tears”, que está no primeiro livro da poeta portuguesa, *Um jogo bastante perigoso*, publicado em Portugal em 1985 e no Brasil em 2017 pela Editora Moinhos. Nele, vemos a personificação de vestidos que não choram e ferramentas para chorar, maneiras pragmáticas de encarar sentimentos. Em um dos versos, Adília escreve “Nunca ninguém viu um vestido a chorar”. Deparar-se

com a possibilidade de um vestido, essa peça tão marcada pelo sistema normativo e opressor de gênero, chorar dentro de um armário pode, quem sabe, nos levar às lágrimas por identificação. Encontrar também os versos “Quantas vezes me fechei para chorar/na casa de banho da casa de minha avó/lavava os olhos com shampoo/e chorava/chorava por causa do shampoo” e se dar conta de que chorar pode ser algo pragmático, como a poesia de Adília Lopes muitas vezes mostra ser, também é um pequeno susto.

Em *Um jogo bastante perigoso*, Adília Lopes faz uma aposta em uma escrita aparentemente simples e corriqueira, mas que nos carrega para pequenos universos privados que funcionam como verdadeiros ecossistemas na escrita da poetisa. O livro abre com um poema dedicado à personagem do livro *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath, a jovem Esther Greenwood. Mas, em vez de convocar a personagem em seus momentos profundos e espiralados de ensimesmamento, Adília traz Esther em um momento privado de extremo relaxamento: um banho de banheira. O livro começa com um batismo em nome de uma personagem feminina de um romance escrito por uma mulher, um batismo íntimo na casa de banho, assim como são íntimas as lágrimas de “no more tears” e as possíveis lágrimas de um vestido.

Um dos grandes traços de sua escrita é essa possibilidade de fazer poesia com o que há de mais simples e sensível nas memórias e nos objetos. Ao ler Adília Lopes, nos confrontamos com a ideia de que a poesia não é algo de imenso ao qual não temos acesso. Com a poetisa, encontramos uma chave para poder escrever e seguir escrevendo poesia mesmo nos momentos de pausa, nas curtas voltas em uma praça, durante um banho ou nas memórias de um parque de diversões, como é seu Luna Parque. O desprendimento das formas empreendido na poesia de Adília nos diz muito sobre desfazermos a ideia de que há lugares específicos que devemos ocupar quando escrevemos. Ela não escreve em busca de demarcações, ela segue por onde sua memória a leve, em um jogo de unir pessoas, objetos e lembranças.

Os shampoos, os vestidos, um banho nos levam para um lugar que muitas vezes não sabemos poder ser habitado enquanto corpos criativos dissidentes: um lugar cotidiano, de miudezas, entendendo que a poesia não está só nos grandes feitos, mas também nas pequenas lágrimas, nas rachaduras do teto, nas rosas envelhecendo. Deparar-se com a possibilidade de escrever com o mais raso da vida é um convite da poetisa.

Nesse seu primeiro livro, ela nos avisa que há um jogo bastante perigoso que precisamos jogar. Ela sabe, ou sempre soube, que esse jogo, esse se jogar em uma poesia de rotina, do dia a dia, que fala das esquinas e dos parques de diversão, é um perigo que precisamos enfim correr.

Foto: Fábio Rocha



Estela Rosa é poeta e caipira, nascida em Miguel Pereira, região serrana do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1986. Desde 2016, integra a iniciativa de literatura Mulheres que Escrevem e recentemente defendeu seu mestrado em Letras, na UFRJ, com foco em tradução e poesia. É autora dos livros “Um rojão atado à memória” (finalista do Prêmio Rio de Literatura 2018, Editora 7 Letras) e Cine Studio 33 (Edições Macondo, 2021). Atualmente faz parte da equipe de narrativa da Dumativa Game Studio, empresa nacional de jogos eletrônicos, onde escreve jogos de videogame.

Foto: Fábio Rocha



Taís Bravo é escritora, pesquisadora e professora de escrita criativa. Autora de Expansão Marítima (2024, Edições Macondo), Sobre as linhas extintas (2018, Urutau), Houve um ano chamado 2018 (2019, Edições Macondo) e Ato para desembulhar o vício (2019, Editora 7 Letras). Mestre em Ciência da Literatura pela UFRJ e doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio. É uma das fundadoras da iniciativa literária Mulheres que Escrevem e desde 2018 ministra oficinas de escrita criativa.

LÉLIA GONZALEZ: INTELECTUAL MÚTIPLA

FLAVIA RIOS

No ano de 2020, o *rapper* Emicida lançou o documentário *Amarelo*, no qual apresenta ao público brasileiro a intelectual Lélia Gonzalez (1935-2020). Embora não fosse desconhecida por uma parcela da sociedade, Gonzalez ainda não contava com uma grande exposição midiática que a colocasse no centro das atenções da juventude brasileira e demais admiradores do hip-hop do século XXI. O mesmo artista e produtor no ano seguinte destacou um dos conceitos centrais do pensamento da autora, o pretuguês, no episódio de sua série televisiva chamada *O enigma da pele escura*. Nesse documentário, não era a biografia de Lélia Gonzalez que estava em destaque, mas sim suas ideias e contribuições para pensar a cultura brasileira.

A partir desse trabalho de divulgação recente de Lélia Gonzalez na grande mídia, perguntas importantes surgem: quem é Lélia Gonzalez? Qual é a sua verdadeira história? Que caminhos ela percorreu? Que obra deixou para o mundo?

Lélia Gonzalez, na verdade, tem por nome de nascimento Lélia de Almeida. Ela veio ao mundo em Minas Gerais, porém mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde viveu a maior parte de sua vida. Ao casar-se, adotou o sobrenome Gonzalez do seu marido Luiz Carlos, seu colega de faculdade. Apesar de ter vindo de família pobre, operária e migrante, Lélia chegou à faculdade e diplomou-se em História, Geografia e Filosofia, esta última área é a em que mais atuou durante a sua carreira profissional como docente e tradutora. Bacharel e licenciada pela Universidade da Guanabara, Lélia tornou-se professora de instituições privadas e públicas do Rio de Janeiro, como o Colégio de Aplicação da UERJ e a PUC.

Nesse processo de mudança de classe social e também de embranquecimento (adoção da cultura eurocêntrica e negação das identidades negras), ela viveu momentos traumáticos. Longe de ter um sonho de princesa, seu casamento foi feliz, mas também um grande trauma racial, porque a família do marido não aceitou o matrimônio. Para conhecer essa história, o melhor é ler o próprio relato da autora:

“Já conhecia a família do meu marido há algum tempo. Eu era até próxima da irmã dele. No Brasil, é aceitável que um homem branco tenha um caso com uma mulher negra, mas casamento é outro assunto. Quando eles descobriram que nos casamos, ficaram furiosos. Me chamaram de preta suja. Era isso que eu tinha me tornado aos olhos deles, apesar da minha educação, apesar da minha posição. Disseram que não queriam ver o filho nunca mais.” (Lélia Gonzalez, *Por um Feminismo Afro-latino-americano*, Parte Diálogos, 2021).

Essa rejeição da família do marido foi uma grande tristeza na vida de Gonzalez. Seu casamento teria vida curta: em menos de dois anos, Luiz Gonzalez suicidou-se. Esse trauma foi tão forte que Lélia nunca abandonou o sobrenome do marido e em sua homenagem levou até o fim da vida essa identidade, mesmo depois de ter se casado novamente com outra pessoa. Por que Lélia Gonzalez, tendo sido rejeitada pela família do marido, ainda assim manteve o nome de casada? Segundo ela, era porque Luiz foi o homem que ela amou e também porque ele valorizava a história negra. Gonzalez nos

conta que foi ele quem a provocou sobre a importância da cultura negra, em particular o candomblé. Com a morte do marido, ela voltou-se ainda mais para as suas origens. Com o tempo, também passou a valorizar sua ascendência negra e indígena, tornando-se nos anos de 1970 até a sua morte uma das maiores intelectuais negras do século XXI.

Sem dúvidas, sua trajetória pessoal de experiência com o racismo seria muito decisiva nas suas escolhas intelectuais e políticas. Como intelectual e ativista, Gonzalez participou de numerosas formas de resistência política ainda sob o regime militar (1964-1985). Ela foi fundadora do Movimento Negro Unificado, esteve na formação do Partido dos Trabalhadores (PT), participou ativamente das eleições de 1982 e 1986. Nesta última eleição, já integrava os quadros do Partido Democrático Trabalhista, o PDT. Ela trabalhou na formação do feminismo negro brasileiro, com a criação do Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, em 1983. Depois participou de inúmeros encontros feministas e de mulheres negras no Brasil e em outras partes do mundo. Lélia Gonzalez esteve nas mobilizações pela constituinte e colaborou ativamente com as comissões parlamentares entre 1986 e 1988 e integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em 1985. Ela também esteve em vários protestos de rua contra o racismo e em marchas do Vinte de Novembro.

Lélia Gonzalez teve experiências e colaborações em grupos culturais, artísticos e intelectuais. Em meados dos anos 1970, ela colaborou com o Grêmio Recreativo de Arte Negra e com a Escola de Samba Quilombo, ao lado do mestre Candeia. Gonzalez participou também da formação do Colégio Freudiano no Rio de Janeiro, criado em 1975 por Magno Machado Dias e Betty Milan. Mais tarde, ela assessorou o cineasta Cacá Diegues em seu filme Quilombo (1984). Nas artes performáticas, teve papel importante na produção dramaturgical de Hilton Cobra, especialmente para a construção da peça teatral *Candaces*. Ela pertenceu a um terreiro de candomblé no Rio de Janeiro e festejou o fortalecimento dos blocos afros e afoxés em Salvador, na Bahia.

Ao longo de sua trajetória, ela escreveu os livros *Lugar de Negro*, com Carlos Hasenbalg, e *Festas Populares no Brasil* e participou da coletânea *O Lugar da Mulher*, além de escrever numerosos artigos para revistas científicas e para a imprensa nacional, feminista, negra e operária. Boa parte desse material foi reunida no livro *Por um Feminismo Afro-latino-americano*, em 2020, que conta com ensaios inéditos, artigos já publicados no Brasil e em outros países. O livro reúne também as entrevistas que a autora deu no Brasil, nos EUA e na França.

Com essa reunião, é possível ver a obra da autora em conjunto. É possível visualizar suas reflexões sobre o feminismo negro, por meio dos artigos na imprensa feminista, como o jornal *Mulherio*, mas é também possível ver seus argumentos em defesa da democracia em seu discurso da Constituinte (1986-1988). Por fim, os conceitos principais da autora, como racismo por denegação, amefricanidade, América Latina e Pretuguês. Todas essas ideias e termos a autora desenvolveu para interpretar as formas de dominação coloniais, patriarcais e capitalistas no Brasil e na América Latina.

Na atualidade, Lélia Gonzalez é referência para diferentes gerações de movimentos antirracistas e feministas no Brasil e na América Latina. Gonzalez tornou-se ícone do feminismo negro brasileiro e latino-americano. Na academia, sua obra é cada vez mais lida por diversas áreas com as quais ela dialogou, como a filosofia, a psicanálise, as ciências sociais e a antropologia. Também nas artes já é possível observar o impacto do pensamento da autora: o documentário *Amarelo*, do Emicida, é um dos maiores exemplos de pensamento que transborda muros acadêmicos e avança para toda a sociedade.

Bibliografia:

GONZALEZ, Lélia (2020). *Por um Feminismo Afro-latino-americano*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (ORGs). ZAHAR, Rio de Janeiro.

GONZALEZ, Lélia & Hasenbalg, Carlos (1982). *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia (1987). *Festas Populares no Brasil*. Editora Index, Rio de Janeiro.

Foto: Marcelo Cortez



Flavia Rios é socióloga, professora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Negra/UFF e do Afro/Cebrap. Coordena o projeto GIRA_igualdade racial, em Niterói, é coautora do livro *Lélia Gonzalez* (Summus, 2010) e co-organizadora das coletâneas *Negros nas Cidades Brasileiras* (Intermeios, 2018) e *Por um Feminismo Afro-latino-americano* (Zahar, 2020). Redes Sociais: @flavia_rios1(twitter) e flaviarios (instagram).



**NOTAS SOBRE O
QUE NÃO É TEMPO**
FUTURO ANCESTRAL, ARTE E LITERATURA INDÍGENA
JANAÚ

O FUTURO ANDAVA ATRÁS, O PASSADO IA NA FRENTE¹

O futuro ancestral é uma cobra que morde o próprio rabo, Ouroboros², o eterno retorno, que não vem com a redenção, não traz promessas de salvação. Essa serpente sabe o caminho de retorno e volta a si mesma sem hesitar.

coral não é mistério

é aposta

O futuro ancestral não vai impedir a queda do céu, que já caiu tantas e tantas vezes, ele indica o caminho, que não é nada, nada de novo.

O futuro ancestral não é o herói, não há uma saga a ser percorrida, ele não será revelado aos não indígenas que consagrarem as medicina da floresta. Ele não precisa ser revelado, pois ele é o meio, ele é o percurso, ele se desenha no ato, na travessia em si.

O futuro ia atrás, o passado ia na frente e nós comíamos a nossa própria cauda.

A arte indígena é um convite. A literatura indígena também.

A arte indígena é uma janela do tempo, não é presente nem passado.

¹ Poema de "JANAÚ" (2019), de Janaú, publicado pelo selo AUÁ Editorial.

² Ouroboros é a representação de uma serpente mordendo a própria cauda, em formato circular. Um conceito observado em várias culturas, em especial no Egito antigo, simboliza a ideia do eterno retorno, da evolução e da reconstrução.

A literatura indígena se manifesta também no papel porque os ouvidos de hoje são preguiçosos e a memória cansada. E porque é preciso falar aos parentes distantes, nas florestas, nos rios, nos sertões, nas cidades.

A literatura indígena é uma convocação pra guerra.

O futuro – sozinho – nem existe.

O futuro ancestral é antifuturista, uma vez que é a afirmação de uma perspectiva anticolonial, é a recusa do apocalipse cristão, de um fim em si mesmo. O futuro ancestral é o meio do caminho, que sempre se renova. Ele, portanto, não será capaz de indicar a rota para uma perspectiva que já está morta, mas pode provocar a humanidade a repensar os seus pontos de partida, em que se engancha para dar sentido à vida. O fim do mundo indígena não é um ponto de chegada, é uma parte de um ciclo infindável de renascimento, de transformação. Por isso venho repetindo que o céu já caiu, numa provocação para que se destruísse esse imaginário acerca dos povos indígenas que lhes atribuí um lugar de heróis. Não vamos salvar nada nem ninguém, esse não é o nosso legado.

Sempre estivemos aqui, e sempre estaremos, mesmo quando nossos corpos não mais estiverem, seguiremos aqui, as pedras seguirão sendo testemunhas. As serpentes também.

se o limite dos continentes
desenha uma pele em nós
como subir uma cordilheira
fazer falar esse vazio³

A arte e a literatura indígena são redes que estendemos sobre as águas, esperamos pacientemente a colheita farta, bem nutrida. Nossa estratégia de sobrevivência quer ocupar museus e espaços culturais, quer contar histórias no cimento porque embaixo dele há vida, em cima também. Quer ser convite e também ter escuta, quer riscar no céu um ponto que seja uma gramática de existência.

A arte e a literatura indígena são uma gramática de existência.

E você,

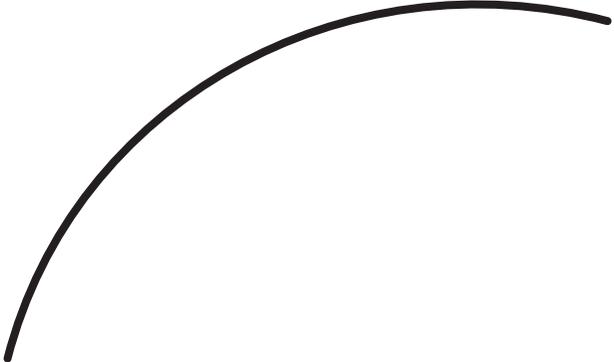
consegue escutar?

³ Poema de "JANAÚ" (2019), de Janaú, publicado pelo selo AUÁ Editorial.

Foto: Mirrah da Silva

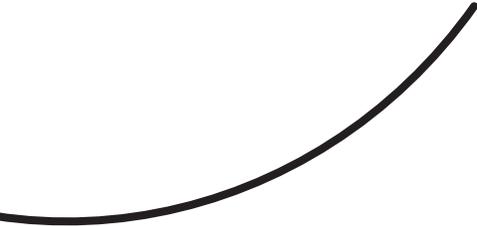


Janaú é carioca de raiz amazônica, é também poeta, artista multilinguagem e educadora. Tem publicações em livros, antologias, revistas eletrônicas e catálogos de exposições de arte. Nos últimos anos, vem realizando curadoria e edição em literatura de autorias indígenas. Pesquisa a linguagem, as relações étnico-raciais na educação e os saberes originários de Abya Yala. Integra a Associação Multiétnica Wyka Kwara e vive em Ubatuba (SP).



CONGRESSO INTERNACIONAL DE PÁSSAROS

MARÉ DE MATOS



OUÇA AQUI O POEMA



PEÇA SONORA

Audiência 1.

: pássaros

: comunidade

: *os racistas são tipo uma comunidade global*

:

conviver com o contorno do verso enquanto nos perfuram os cacos da globalização
controlar o limite do vírus e do satélite enquanto projetamos a palavra fronteira
projetar o limite do vírus e da fronteira enquanto soletramos a palavra satélite
suponhamos que são crises de migração

: pássaros

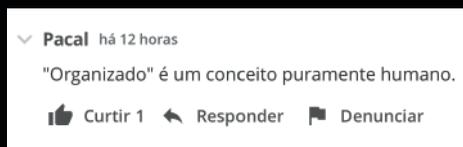
:

entre a primavera e o outono no céu noturno
milhões fazem longas e perigosas jornadas
partilham rotas e predadores do norte
migram mais de 96 mil quilômetros
enfrentam ameaças de fome
parte do ciclo da vida de
quase metade das
espécies que
migram

:

o corpo em migração pode ser um corpo de guerra | preparado pro frio e pro inferno não há
montjuic que o detenha | o corpo fronteiriço lê os sinais e sabe as senhas

:



eram aproximadamente mil robô
 alguns tinham cara corpo outros sobrenome
 uns fé e boa vontade outros ambiguidade
 mas nenhum deles tinha fome

: sarcófago américa deserto arquipélago lago espólio do passado

: pássaros

: estrangeiro familiar / acordo ouvindo milton, com a saudade de santo amaro na paisagem
 de lisboa/ vê; tento lembrar como eu improvisava há cinco séculos / encaro fumando uma mulher
 branca que fuma do outro lado da rua / como se dissesse eu também estou aqui, se quiser
 pode ir embora /

: decolagem

: soletrar profundo a palavra mundo sem lembrar da gente
 ousar ser gente no pleito raso do mundo

: meu coração é quem mais quer reparação histórica

: ainda não se chegou a uma conclusão se essa capacidade de navegação é herdada e inata ou
 aprendida. - acredito que é uma combinação de tendência inata, mas também aprendida com os
 outros ao longo das migrações”

: decolagem

Foto: JosyAnne



maré de matos, 1987. Vale do Rio Doce, MG, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Artista transdisciplinar. Graduada em Artes Visuais (2009, UEMG), mestre em Teoria Literária (2020, UFPE) e doutoranda no Diversitas (USP). Exercita o tensionamento entre subjetividade e objetividade; e defende o direito à emoção de populações retiradas do estatuto da humanidade. Especula conceitos como fronteira, justiça, verdade e dignidade na encruzilhada entre pensamento, imagem e palavra. Fundou o selo Bendito Ofício (2010), por meio do qual promove aproximações entre imagem-palavra-educação-vida.

EU ESCREVO,
,TU ESCREVES,
NÓS ESCREVEMOS.

PEQUENA REFLEXÃO SOBRE MULHERES
QUE ESCREVEM E A BUSCA POR ESPAÇOS

JOICE MELO

Eu escrevo, tu escreves, nós escrevemos. Pequena reflexão sobre mulheres que escrevem e a busca por espaços Na nossa sociedade, ser uma mulher que escreve não é fácil. E quando se trata de uma mãe que escreve, menos ainda. A ânsia das mulheres por serem ouvidas não é algo recente. Há muito a ser dito, porém poucos dispostos a ouvir, e quando se é mãe, a situação não é diferente.

Nossas vozes aguardam por um espaço mínimo para ecoar juntamente com nosso desejo de mudança. Alguns afirmam que nos concedem voz, mas eu discordo. NÓS TEMOS VOZ, o que nos falta são os espaços adequados.

Quando iniciei a revista "Mães que Escrevem", muito antes dela, organizava encontros entre mães. Sentávamos nos parques e discutíamos como éramos percebidas. Falávamos sobre como a maternidade compulsória, a culpa, a escassez de espaços e tudo o que envolve o ser mulher na sociedade influenciava (e continua influenciando) nossa vida.

Após tantos encontros enriquecedores, migramos para o mundo digital, um espaço maior e mais amplo, no qual nossas vozes poderiam alcançar distâncias ainda maiores. E é aqui que estamos agora.

Desde 2017, publicamos mais de 1.200 textos. São 1.200 apelos, momentos de alegria, luta, pedidos de auxílio e apoio. Contudo, quem os observa? Quem, em nossa sociedade, dá atenção às mães?

Arrisco-me a dizer que somos socialmente preteridas. Retiram-nos espaços, pois onde nossos filhos não são aceitos, nós também não somos. As políticas públicas voltadas para nós não são as melhores, somadas ao machismo, racismo, gordofobia e a todos os outros preconceitos que nos cercam. É por isso que as palavras nos confortam, nos fortalecem e nos levam em direção aos sonhos de uma sociedade diferente, para todas nós.

Ser lida, ouvida e reconhecida como existente faz parte desse grande sonho, e estamos caminhando em direção a ele. Embora haja muitas páginas na internet dedicadas às mulheres que escrevem, o panorama fora da *web* ainda não é o mais favorável para nós.

No mercado editorial, as coisas estão mudando. Temos diversas editoras independentes, como a Voz de Mulher, Macabéa Edições, Quintal Edições, Editora Triluna, Dita Livros, entre outras, que publicam obras de mulheres. Contudo, o cenário ainda não é o melhor.

Segundo dados da pesquisadora Regina Dalcastagnè, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014, 77,9% dos autores eram brancos. Em contrapartida, o aumento de autoras foi de apenas 3,5%, sendo 0,1% não brancas. É um cenário positivo, mas, ao mesmo tempo, pouco encorajador, já que as mulheres não brancas ainda representam uma minoria.

Uma pesquisa interessante revela que, apesar de haver poucas mulheres publicadas, o número de leitoras é significativo. Segundo a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" de 2016, realizada pelo Instituto Pró-livro, 52% dos leitores são mulheres.

Com esses dados, podemos tirar duas conclusões: precisamos de mais autoras e de mais mulheres lendo obras de outras mulheres! Como fazer isso?

Em primeiro lugar, valorize o trabalho daquelas que você conhece, principalmente nas redes sociais, em que o engajamento é crucial para o reconhecimento e a visibilidade.

Em seguida, compre! Sim, adquira livros de novas autoras, mães, PcD, negras, indígenas, mulheres contemporâneas, muitas vezes desconhecidas. Indique, dê sugestões, receba recomendações, informe-se, encontre seu público e estabeleça conexões com outras mulheres que também estão começando; a troca de conhecimento é fundamental.

Não permita que números expressivos a desanimem. Pense em quão longe chegamos. Há algum tempo, as mulheres publicavam usando pseudônimos masculinos. E hoje podemos proclamar ao mundo que somos escritoras.

E, em relação às mães mencionadas no início do texto, elas também escrevem e são mulheres. Dê-lhes destaque, visibilidade; há tanto a ser dito e lido, não deixe isso passar despercebido.

Fontes:

<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>

<https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2018/03/19/as-mulheres-dos-estudos-literarios-regina-dascastagne/>

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/08/mulheres-abrem-editoras-para-derrubar-maioria-masculina-entre-autores.htm>

Frase: "A escrita é ferramenta de cura e resistência."

Arquivo pessoal



Joice Melo é mãe, premiada na Suíça e EUA, autista, autora de quatro livros e editora da revista *Mães que Escrevem* – @a.jomelo



UM CORPO-PALAVRA QUE NÃO VAI MORRER



ANA CECILIA REIS

"Agradeço à vida, que me deu tanto
Me deu o riso e o pranto
Assim eu diferencio a felicidade do sofrimento
Os dois materiais que formam meu canto
E o seu canto é o mesmo que o meu
E o canto de todos é o meu próprio canto"

Gracias a la vida, assim cantava Violeta Parra, uma canção de agradecimento e também de despedida. Assim canta Nena Inoue, encarnada na personagem de tantas faces e vozes, ao final do espetáculo **Para não morrer**, que compôs a programação do evento **Palavra Líquida – Feminismos: corpos múltiplos**. E utilizar o termo "encarnada" não é apenas uma figura de linguagem, pois os textos selecionados das histórias reais do livro **Mulheres**, de Eduardo Galeano, transformam-se em corpo, e esse corpo é penetrante, profundo, entranhado. Esse corpo feminino já surge como um corpo desviante, com articulações retorcidas, e, através dessas torções, podemos perceber que a vida não se faz de trajetos retos e regulares, esse corpo que avistamos em cena é como uma árvore com longos galhos expandidos, mostrando a intensidade de sua trajetória, na capacidade de crescer e florescer entre os dias de sol, chuva, vento, e, por vezes, até entre os cortes dos machados afiados dos homens.

Tudo aquilo que eu chamei de fragilidade eu escolho ser a minha força. Os meus limites estão aqui no mundo. (...). Eu não pretendo ser linear e nem limpa e nem bonita. Invento, misturo tudo sem pudor. Faço o que eu quero. Finalmente. Porque a simplicidade é uma das coisas mais difíceis, e isso vocês precisam saber.

A montagem do espetáculo é minimalista, com elementos do cenário selecionados de forma precisa: tecidos manchados de sangue, jarras com água, elementos presentes em nosso corpo, que fluem e nos mantêm vivas. A personagem veste seu próprio corpo, nu, coberto por uma longa cabeleira que dá à personagem uma característica arquetípica, anciã. Nela, podemos enxergar as tantas mulheres que já conhecemos em nossa vida: mães, avós, filhas, e também nós mesmas, quem já fomos e seremos um dia.

Eu tenho uma mulher atravessada na garganta

Muitas mulheres. E para que essas mulheres não morram, é preciso narrar. Criar e contar como uma maneira de existir. Para não morrer, nos transformamos. E, através das histórias de tantas mulheres entrelaçadas no espetáculo, vivenciamos o poder que a palavra tem de fortalecer e de gerar. O atrevimento de contar. Assim como a água, que se apresenta em vários estados, a materialidade do livro de Galeano se torna palavra, que se torna corpo, que se torna imagem afetiva na construção imaginária de cada pessoa que a ouve. Uma transmutação da linguagem.



Do medo de morrer nasceu a maestria de narrar

Para não morrer, também é preciso não esquecer. Exercício de memória viva, nunca estática, que se modifica a cada apresentação, pois essas mulheres continuam nascendo a cada dia. Cada vez mais as mulheres colocam para fora a voz que lhes foi negada. Não esqueceremos que, quando ocorrem as denúncias de abuso, de injustiça, de violência, muitas vezes o sistema judiciário, majoritariamente dominado por homens, deixa criminosos impunes, como forma de mostrar poder, e de fazer com que outras mulheres tenham medo da exposição, se sintam impotentes, apagadas. Não esqueceremos que quando uma mulher resolve encarar um sistema político sujo e fazer a diferença, ela corre o risco de ser assassinada a tiros em plena luz do dia, para inibir outras ações nesse sentido, através do terror da força. E exatamente por não deixarmos esquecer que essas vozes não vão mais se calar, e devem ser cada vez mais constantes, presentes e assustadoras para aqueles que não querem perder seus privilégios.

Para não morrer,
espetáculo de Nena Inoue.



*São outros os nossos controles, nossas medalhas, nossas grandezas (...)
Pessoas resistem. Mas mulheres parece que resistem mesmo quando
parece que se entregam.*

Na canção de Violeta Parra, a felicidade e sofrimento de sua existência formam o seu canto, que, atravessando o canto de outras, gera um coro de vozes, a mesma voz, um canto múltiplo de mulheres, que vivenciam dores e alegrias. E, ao perceber que não estamos sós, nosso medo se transforma em força, provinda do acolhimento, desse canto múltiplo de tantas vozes. É por isso que, entre as dores e lutas, é possível também vislumbrar olhos de pássaros escondidos entre as árvores, porque a poesia e o canto são impossíveis de prender e proibir. Assim como o pranto e o riso das mulheres loucas e livres, que transformam a história.

A ancestralidade às vezes me chega de grito, às vezes de sussurro. Mas eu vejo de muitos jeitos os nomes e as marcas das que estiveram aqui. O meu próprio nome se confunde com outro. O meu corpo.

Para não morrer nos oferece histórias preciosas, admiráveis e inspiradoras, com um trabalho de atuação, dramaturgia e direção de muita entrega, conexão e afeto. Ouvir essas histórias não é só reviver as trajetórias dessas mulheres do passado para que elas continuem vivas, mas também um estímulo para que contemos as nossas, para impedir que nos matem e silenciem, ainda hoje. E reviver essas trajetórias em um corpo-palavra em cena é ter a certeza de que, enquanto houver alguém para contar uma história e alguém para escutá-la, com olhos, ouvidos e coração, o teatro também não morrerá.

Acervo pessoal



Ana Cecilia Reis é atriz, diretora, produtora cultural e curadora de Artes Cênicas. Fundou a Plúmbea Teatro, uma produtora especializada em espetáculos cujo cerne é a pesquisa de atuação. Recebeu o prêmio de Melhor Direção no Festival Nacional de Barbacena (MG) pelo espetáculo "Terrabatida: Reminiscência de Canudos". Em 2018, foi contemplada com a Bolsa Jovens Criadores de Portugal para realizar o espetáculo "Diário do último ato", sobre os últimos momentos de Florbela Espanca. Com esse espetáculo, venceu o Prêmio Maestro Guerra Peixe de Cultura em 2019 e recebeu o prêmio de melhor atriz na Mostra de Teatro de Petrópolis (RJ). É analista de Artes Cênicas do Sesc desde 2018, tendo como principais atribuições a curadoria, avaliação e produção de espetáculos de dança, circo e teatro que integram a programação.

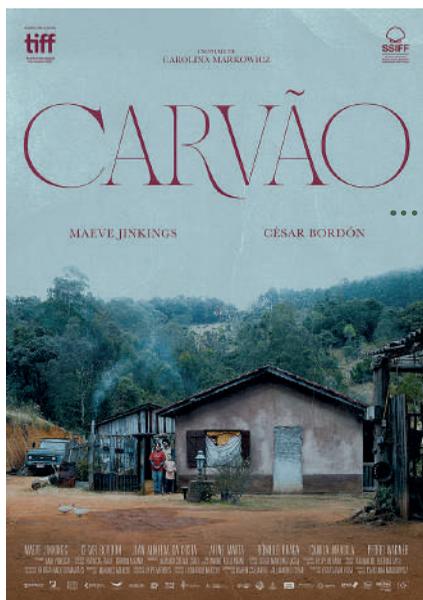


SESC INDICA

Os filmes indicados estão todos na programação do CineSesc ao longo do ano de 2024.

Com foco em produções de diversos estilos e países que tiveram pouco destaque no circuito comercial brasileiro, o projeto CineSesc tem o objetivo de fomentar o debate acerca dos filmes e propor uma reflexão a partir de seus temas e de suas narrativas. As exibições são realizadas no formato de programação regular e de mostras temáticas, organizadas pelas unidades do Sesc.

AUDIOVISUAL



CARVÃO, DIREÇÃO DE CAROLINA MARKOWICZ / FICÇÃO (18 ANOS): Em uma cidade do interior, uma família recebe uma proposta rentosa, mas também perigosa: hospedar um desconhecido em sua casa. Antes mesmo da chegada dele, no entanto, arranjos precisarão ser feitos, e a vida em família começa a mudar.

MEDUSA, DIREÇÃO DE ANITA ROCHA DA SILVEIRA / FICÇÃO (18 ANOS): A jovem Mariana pertence a um mundo onde deve manter a aparência de ser uma mulher perfeita. Para não cair em tentação, ela e suas amigas se esforçam ao máximo para controlar tudo e todas à sua volta. Ao cair da noite, elas formam uma gangue e, escondidas atrás de máscaras, caçam e punem aquelas que se desviaram do caminho correto. Porém, dentro do grupo, a vontade de gritar fica a cada dia mais forte.





A FEBRE, DIREÇÃO DE MAYA DA-RIN / FICÇÃO (10 ANOS): Manaus é uma cidade industrial cercada pela floresta amazônica. Justino, um indígena Desana de 45 anos, trabalha como vigia no porto de cargas. Desde a morte de sua esposa, sua principal companhia é sua filha mais nova, Vanessa, com quem vive em uma casa modesta na periferia e é aprovada para estudar medicina em Brasília.

DIÁLOGOS COM RUTH DE SOUZA, DIREÇÃO DE JULIANA VICENTE / DOCUMENTÁRIO (10 ANOS): Ruth de Souza inaugura a existência de atrizes negras em palcos, televisão e cinema no Brasil. Carrega em si a gênese de parte importante das conquistas para as mulheres negras ao longo de quase um século de vida. A partir de conversas com a diretora da obra, também uma mulher negra, materiais de arquivos da vida de Ruth em um cruzamento com o universo mitológico, em uma interpretação ficcional e transcendental de sua vida, temos um longa protagonizado por Ruth de Souza.





CHICO REI ENTRE NÓS, DIREÇÃO DE JOYCE PRADO / DOCUMENTÁRIO (12 ANOS): Chico Rei foi um rei congolês escravizado que libertou a si mesmo e os seus súditos durante o Ciclo de Ouro em Minas Gerais. Sua história é o ponto de partida para explorar os diversos ecos da escravidão brasileira na vida dos negros de hoje, entendendo seu movimento de autoafirmação e liberdade a partir de uma perspectiva coletiva.

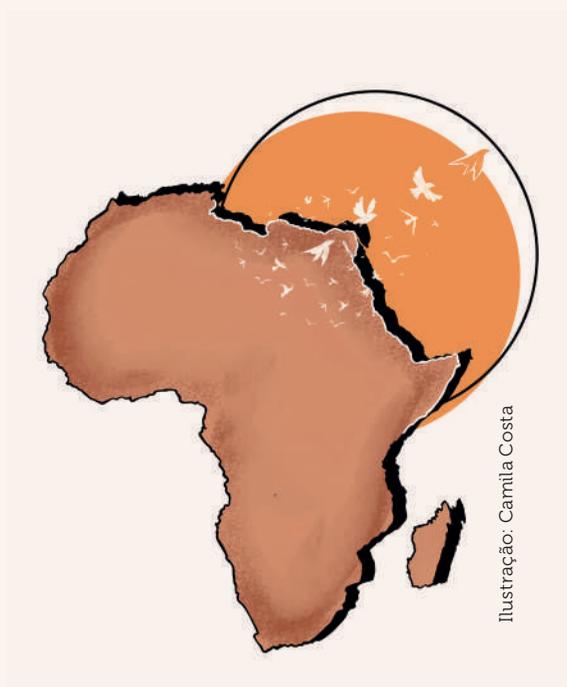
CARRO REI, DIREÇÃO DE RENATA PINHEIRO / FICÇÃO (14 ANOS): Uno é um jovem menino que tem a estranha habilidade de conversar com carros desde sua infância. Um dia, as autoridades políticas de sua cidade passam uma lei que pode fazer com que a empresa de seu pai venha a falir. Com a proibição da circulação de carros antigos nas ruas da cidade, Uno recorre ao seu melhor amigo de infância: um carro. Junto com seu tio, Uno transformará um simples automóvel no Carro Rei – um carro que pode falar, ouvir e ter sentimentos.



POESIA

CORPO-MUNDO

CARMEN FAUSTINO



Grande
Do tamanho do amor ao espelho
Enche os olhos
Ofusca a regra
Reflete
A abundância da alma
E outras exuberantes como eu
Rainhas negras

Traços curvilíneos
Infinito
Nutrido de ancestralidade
Linhas e dobras suntuosas
Que rompem o silêncio
E contam histórias

Respeito e admiração
A cada medida
Reconheço meu porte
Acarinho minha imagem

O regime é farto
De orgulho e poder
Aceitação
É vontade que alimenta
E encorpando o peito de coragem
Visto a africanidade que me cabe
Ocupo os lugares vazios de empatia
E grito a dignidade
Meu corpo é de verdade

Meu peso
Esmaga seu ódio franzino
Questiona seu padrão pálido
E exige um modelo
Que sirva para além do molde
Sua costura marca
Doença e medo
Não entra
Incomoda
E oprime sonhos
Cobertos de tesão
Liberdade e prazer

Meu estar no mundo
 Não precisa de aval
 Corpo-universo
 Que gira leveza
 Movimenta os espelhos
 E me posiciona

No centro da roda
 Frente aos reflexos meus
 Ciranda colorida
 Beleza nas formas reais
 Vou até onde sua atrofia inerte
 Não tem envergadura para chegar
 Nem vigor para atravessar
 Corpo-Vida
 Mergulha
 Goza
 Navega e flutua
 É livre para descobrir o universo
 Resistente
 Ele sim sabe amar

Foto: Isabela Alves – AfroBela



Carmen Faustino é poeta, escritora, editora e consultora étnico-racial e de gênero na educação e cultura. Nascida em São Paulo, é pesquisadora mestranda em Estudos sobre Gênero na UFBA. Autora de “Estado de Libido ou poesias de prazer e cura” (2020). Assina a co-organização de diversas antologias negras, entre elas “Ser Prazeres – Transbordações eróticas de Mulheres Negras” (2021), “Pilar Futuro Presente – Uma antologia para Tula” (2019), “Sambas Escritos” (2018) e “Pretextos de Mulheres Negras” (2013). É cofundadora do coletivo “Baobá – Fortificando as Raízes”, de educação étnico-racial, e mobilizadora do “Núcleo Mulheres Negras – O amor cura”, de estudos feministas, vivências e cuidado coletivo entre mulheres negras.



SOBRECARGA

JU TOYO



Arquivo pessoal



Ju Toyo é ilustradora e quadrinista. Artista independente, publica tirinhas autobiográficas sobre a maternidade em sua página no Instagram, em que assina @comicmami. Tem três publicações autorais impressas: o fanzine "An-siedade", produzido com o coletivo Paralelo.lelo – publicação finalista do 33º Troféu HQMix, "Comicmami: isolada, surtada, fortalecida" – lançada em 2021, e "Guarda Momentos", de 2022. Participa também de intervenções artísticas voltadas ao empoderamento feminino, como a 12ª edição da mostra Batom, Lápis & TPM, ocorrida em 2023, que reúne artes gráficas e esculturas produzidas exclusivamente por mulheres.



**RENASÇO
ENQUANTO
ESCREVO**



TERESA CÁRDENAS

Li recentemente um artigo-ensaio da magnífica escritora afro-porto-riquenha Mayra Santos-Febres em que ela resumiu, nas vozes de alguns escritores notáveis de todo o mundo, a importância da leitura e seu papel e efeito na modernidade.

Aí descobri a polêmica existente entre as ideias de Saramago e as de Volpi a esse respeito: para Saramago, a literatura é inútil, ou seja, não tem sentido prático. Para Jorge Volpi, muito pelo contrário, e cito uma frase de seu livro de ensaios: "Leer la mente: El cerebro y el arte de la ficción", em que afirma: "de acordo com as mais recentes descobertas da neurobiologia e das ciências do conhecimento, é impossível que a literatura tenha sobrevivido tanto tempo quanto uma prática da espécie sem servir para nada".

Concordo com Volpi e Mayra: "a literatura, o próprio ato de ler, é o que nos torna seres humanos". E acrescentaria que a profissão de escrever, esse ato absolutamente mágico que implica renascimento e evocação, essa alquimia de sentidos e emoções, de palavras que brotam do desconhecido e viajam como uma onda de choque em todas as direções, é o que nos permite tocar" em espírito aqueles que leem nossos livros. É uma troca de conhecimentos, um toque de almas. Um fluxo de palavras carregadas de sabedoria que, como um rio, ao chegar a um bom destino, nutre e satisfaz.

Os bons livros, as histórias, a literatura oral, sempre tiveram a maravilhosa missão de ajudar, acompanhar, até lutar, quebrar moldes, servir de guia, identificar-nos com quem somos e de onde viemos.

Lembro-me de quando foi realizada uma campanha pela paz na Colômbia. Uma frase usada pelos organizadores me chamou a atenção e achei que era perfeita para resumir o papel que a literatura deveria ter no mundo violento de hoje. “Quem lê pouco atira mais”, afirmou a frase. Foi uma mensagem clara, dura e contundente. Um alerta às novas gerações contra a violência e a favor do conhecimento. Poderia acrescentar ainda: quem lê pouco discrimina mais, quem lê pouco é mais violento.

Amor e respeito sempre andam de mãos dadas com sabedoria. Ser educado para ser livre, disse José Martí, o escritor e revolucionário cubano.

Pedacinho de papel fala língua, afirmavam os nossos avós africanos, o que traduzido mais ou menos significava: no papel, nos livros, pode-se encontrar tudo o que está na mente do Homem, a sua verdade e o seu direito. Como mãe negra escritora, nascida numa ilha caribenha, herdeira de ascendência africana, não sou estranha a esse constante “retorno” de memória e espírito. Meus livros falam de histórias que nunca vivi, mas que habitam minha pele e andam em meu sangue. Quando escrevo, respiro e me sinto poderosa. Sou a primeira leitora daquilo que o Éter me dá. Costumo escrever sentada, mas ao mesmo tempo sinto que estou correndo descalça por planícies douradas, ouvindo o som dos tambores ao longe. Escrever é para loucos. Porque vejo o intangível, escrevo, e só lendo, outros podem imaginar, ver. Alguns descrevem minhas palavras como fenômenos táteis, em que os sentidos, as emoções, têm um papel forte. E, sim, vibro, respiro, sinto que renasço, que enquanto escrevo consigo ser e me multiplicar. É assim. Sempre. Nessa efervescência criativa, alguém da Eternidade murmura interminavelmente em meus ouvidos. Como recusar essa chamada?

Presto atenção, ouço tudo, sinto tudo e, só então, escrevo, me fazendo Ser nascente de novo, novamente.

Foto: AB Cárdenas



Teresa Cárdenas é escritora, atriz, contadora de histórias e assistente social. É membro da Associação de Escritores da União de Escritores e Artistas de Cuba. Recebeu vários prêmios que a creditam como uma das vozes mais relevantes da literatura para crianças e jovens em Cuba. Suas obras foram estudadas em diversas ocasiões para desenvolvimento de ensaios literários e teses universitárias em Cuba, Estados Unidos, Colômbia, Venezuela e Brasil.

Você é um leitor voraz
que em poucas horas
me devora
costumo me abrir inteira
toda vez que me folheia
até lambuzar os dedos
com letra, papel e tinta
te sinto entrando pela capa
até atingir a última página
e no ápice
da ponta do seu lápis
escorre a poesia
que me invade
gota a gota
eu vou melando toda
já não é mais ficção
no meu corpo tenho
todos os vestígios
das suas mãos
você me acompanha
como um livro bom
e mal posso esperar
pra escrever
novas palavras contigo
outra vez.

- para o amor que vai chegar



Ilustração: Camilla Costa

Foto: Cristian Maciel



Carolina Rocha é conhecida também como Dandara Suburbana (nome artístico/redes sociais). Uma mulher preta, de Xangô, escritora, ativista e historiadora. Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – IESP/ UERJ. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF e autora do livro *O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial*. Publicou ainda nas coletâneas “Lâmina” (Arte Sabali, 2018); “Inovação Ancestral de Mulheres Negras” (Oralituras, 2019); “Ser Prazeres: transbordações eróticas de mulheres negras” (Oralituras, 2020); “Elas e as letras: insubmissão ancestral” (In-Finita, 2021); *Cadernos Negros* volume 43, Poesia (Quilombhoje, 2021) e *O Livro Negro dos Sentidos* (Móru-la Editorial, 2021). É co-organizadora do *ebook* *Laboratório de Narrativas Femininas* (Sesc RJ, 2022). Idealizadora da Ataré Palavra Terapia, uma comunidade de incentivo à escrita criativa, política e terapêutica, com foco em literatura negra feminina, que já incentivou centenas de pessoas a escrever suas próprias histórias, publicar livros/textos e compreender o poder das suas narrativas na construção da memória coletiva. Realiza palestras por todo o Brasil, dialogando sobre racismo, memória, ancestralidade, escrita, literatura negra, gênero e espiritualidade de matriz africana. E, atualmente, está professora auxiliar da Pós-Graduação em Escrita Criativa do Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais (NESPE).

PALAVRA LÍQUIDA, CORPOS E TERRITÓRIO

ELIANE POTIGUARA

A palavra líquida soa como algo que flui, algo que se move de maneira suave, doce, apaixonante, algo que corre pelos pastos, uma água que escorre entre os dedos, uma cascata que cai, um rio que corre. E quando chega ao seu destino, ela ressoa, incentiva, renova, espiritualiza, recria, sensibiliza quem assiste ou ouve. Palavra líquida! Termo poético que viaja na simbologia da semântica dos corações apaixonados ou nas mentes evoluídas como que um verdadeiro diamante.

Essa imagem se contrapõe ao sistema em que vivemos, sistema opressor que sufoca a humanidade e a natureza. Esse é o quadro que denota a existência dos povos étnicos que sofrem diariamente a violência, o estigma, o racismo, a pobreza, a miséria, a escassez dos direitos constitucionais. E em destaque situamos a mulher indígena, a que dá a vida!

A palavra líquida reflete corpos que se reconhecem em sua atmosfera e que gritam por qualidade de existência. Nossos corpos se amoldam ao formato das águas que caem dos ribeirões. Corpos que amam, que sentem o gozo do amor como algo de maior profundidade. Corpos suados que após o amor se resvalam na doçura da vida. São assim os corpos sedentos das mulheres indígenas que por séculos almejam ser amadas na sua totalidade de mulher.

No entanto, um Estado que não oferece as condições necessárias para que a mulher se sinta amada em sua plenitude é um Estado que abandona suas filhas às margens da vida. A mulher desamada tem sua alma esfacelada, sua dignidade interrompida, sua autoimagem deplorável. Ela grita, ela chora, ela retumba... E nesse ato, ela se torna guerreira, combativa e atuante. É a mulher militante. Ela então busca a conexão com a natureza para que seu discurso se transforme e seu povo se reconheça como as primeiras nações do planeta Terra. Nesse reconhecimento, dá-se então a valorização de seu território ancestral. Seu corpo faz parte desse território, assim como sua cultura, língua, tradições, medicina natural, ancestralidade, educação das crianças e jovens, relações interpessoais, trabalho na terra, cultivo dos alimentos, caça, pesca, *modus vivendi*, desenvolvimento comunitário, entre outros atributos. Nesse instante, ela, glorificada, reconstrói sua essência de mulher guerreira. Isso se dá em ciclos, e um sonho em seus olhos brota diariamente para que a força da sua natureza resista à violência, à matança e à destruição das famílias. Por que aguentamos tantas violências? Tempos são passados e ela vê brotar a luz da esperança. Seus rebentos serão guerreiros e guerreiras. A mulher leva adiante, junto à comunidade, a pedagogia da natureza, cujos personagens principais são os rios, os mares, as matas, enfim, o meio ambiente de sua cultura: a Mãe Terra e sua ancestralidade. Nesse contexto, se dá o fortalecimento da cultura indígena e, conseqüentemente, o fortalecimento da sua identidade como povo, como alma e espírito.

Diante disso, ela clama à Oração à Natureza, porque reconhece que algo maior rege a vida de seu povo, de seu corpo, de sua luz...

ORAÇÃO À NATUREZA

“Abrir a visão aos mistérios da vida é ter caminhado com os pés no chão, com as mãos no universo, com os olhos na ancestralidade, com os ouvidos musicais e com o amor no coração. É assumir a felicidade da vida, custe o que custar, até a morte, mesmo que a alma sangue, mesmo que o desamor maltrate e as lágrimas sucumbam. E o milagre explode: a sabedoria dos tempos! Por isso, oremos à natureza para que a justiça se faça.

A Terra é um organismo vivo, que fala conosco através das chuvas, dos trovões, da luz do sol que faz crescer a vegetação, que ilumina o dia, que nos dá o néctar da vida, não só para nós, mas para todos os seres vivos terrestres, marinhos, fluviais. A lua é nossa avó, o sol é nosso avô. Nossos corpos são sagrados e de nossos úteros brotam vidas. Nossas culturas e cosmovisões são os maiores patrimônios para vidas futuras, pois o planeta Terra é nosso avô e as mulheres indígenas são sagradas como a natureza.”

NÃO AO MARCO TEMPORAL! Não a um sistema político e econômico que nos mata.

“Mulheres, tomemos fôlego para as próximas etapas! Esqueçamos decepções ou desamores. A luz que recebes na testa é o sinal.

Eliane Potiguara recebeu, em 2021, o título de Doutora Honoris Causa pela UFRJ, onde estudou no início da década de 70. É a primeira mulher indígena a recebê-lo no Brasil. Recebeu do governo brasileiro o título de Cavaleiro da Ordem do Mérito Cultural em 2014. Foi indicada em 2005 ao projeto internacional “Mil Mulheres” ao Prêmio Nobel da Paz, é escritora, poeta, professora, formada em Letras (Português-Literatura) e Educação pela UFRJ, especializada em Educação Ambiental pela UFOP. É da etnia potiguara, brasileira, fundadora da primeira organização de mulheres indígenas, GRUMIN/Grupo Mulher – Educação Indígena (1988), embaixadora da Paz pelo Círculo de Embaixadores da França e Suíça. Trabalhou pela Declaração Universal dos Direitos Indígenas na ONU, em Genebra. Seu livro carro-chefe é “Metade Cara, Metade Máscara”, pela Global Editora em 2004 e em 2019 pela Grumin Edições. Ganhou o Prêmio do Pen Club da Inglaterra e do Fundo Livre de Expressão, EUA, pelo seu livro *A Terra é a Mãe do Índio*. Tem vários livros infantis e textos, pensamentos e poesias em antologias nacionais e internacionais. Para acessar seus livros e histórico de vida, visite o *site* oficial da escritora. Acaba de lançar seu oitavo livro, “O Vento Espalha Minha Voz Originária”. *Site* pessoal: www.elianepotiguara.org.br. *E-mail*: elianepotiguara@gmail.com/elianepotiguara@uol.org.br

Foto: Ana Marina Coutinho





IDEIAS E / DIÁLOGOS

CHRISTINE BRAGA

Este número da Paquetá é um marco importante para nós do Programa Cultura do Sesc RJ. A revista nasceu como mais um espaço de expressão produzido pela equipe de cultura e é um convite para artistas, pensadores e grupos se expressarem junto com a instituição, elaborando novas ideias e práticas. Ao mesmo tempo, construir uma edição cujas pessoas colaboradoras, artistas e pensadoras da cultura brasileira, são diversas, racializadas, dissidentes, com perspectivas, mundos e visões diversos é histórico, além de representativo. Isso capta o espírito daquilo que é o cotidiano curatorial do Programa Cultura do Sesc RJ.

Um pouco da diversidade da maioria da população brasileira foi representado nesta edição, por meio de textos, desenhos, ideias e experiências, refletindo com um olhar singular sobre a arte e seus desdobramentos, como recortes geográficos, diversidade de gênero, classe, raça e outras variantes que constituem o país. É uma publicação especial, com conteúdo inédito e pautas reflexivas, sob o olhar dessas muitas vozes e suas representatividades.

O que me interessa enquanto gestora é contribuir sempre para a abertura de fronteiras, e de novos espaços de criação, reflexões dialógicas entre as artes e as demais questões do ser humano. Aprofundar, implantar ideias, dialogar a partir do fazer, criando possibilidades e reflexão, tendo como ponto de partida as questões sociais importantes de serem pautadas por meio da arte.

Isso é a cara do Sesc, essa jovem instituição nascida em 1946 no Rio de Janeiro. Desde sua criação, nossa instituição tem como objetivo estabelecer um trabalho educativo que visa solidificar a paz social. Sendo o Sesc fundado por empresários do comércio de bens, serviços e turismo, como entidade sem fins lucrativos, defendemos o capital como um instrumento de produção e de bem-estar coletivo, a favor da diminuição das desigualdades sociais do país. Para alçar essa missão, depositamos uma especial esperança no campo da produção cultural.

Para o Sesc, cultura significa a multiplicidade de iniciativas e proposições, baseada em diferentes vozes sociais e iniciativas, com e para diversos estratos sociais e produções artísticas. Para desenvolver a missão de difundir as linguagens artísticas e promover acesso à informação, o Programa Cultura elabora, ao longo das décadas, atividades sistemáticas e assistemáticas nas mais diversas áreas, regidas por conceitos explícitos de funcionamento, por meio de curadorias coletivas, democráticas e impessoais, a fim de garantir que as múltiplas linguagens estéticas e artísticas sejam promovidas.

Assim, o Sesc RJ constrói um conjunto significativo de apresentações artísticas diversas que ocupa culturalmente a agenda do estado como um todo, e ainda promove atividades formativas, de incentivos à pesquisa, à circulação de trabalhos e ao intercâmbio entre os artistas, prezando por um conjunto de prestadores de serviço atentos às dimensões éticas que atravessam o campo artístico em nosso modo de atuação. É importante ressaltar que esse conjunto de atividades é voltado para os trabalhadores do setor do comércio de bens, serviços e turismo, assim como para a comunidade de um modo geral dos territórios onde o Sesc está presente. Esse é o nosso modo de nos dedicarmos à justiça social e de promovermos uma sociedade justa e democrática.

Isso significa a cultura estar em diálogo com todas as possibilidades de manifestações artísticas por meio das suas diversas linguagens, um diálogo com toda a sociedade, uma comunicação plural, uma programação com as mais variadas expressões artísticas. O que importa é uma articulação fluida entre público, artistas, empresários, comerciários e trabalhadores. Todos de alguma maneira se movimentando, juntos, em prol de uma sociedade mais justa, mais inclusiva, tudo isso com muita arte.

Foto: registro institucional



Christine Braga é atriz, gestora e produtora cultural com mais de vinte anos de experiência. Atualmente é Gerente de Cultura do Sesc RJ, instituição na qual trabalha desde 2010.

**PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO
DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO | FECOMÉRCIO RJ**

Antonio Florencio de Queiroz Junior

DIRETORA REGIONAL

Regina Pinho

DIRETORA DE PROGRAMAS SOCIAIS

Regina Pinho (interina)

DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Luiz Assumpção Paranhos Velloso Junior

DIRETOR DE INFRAESTRUTURA E ENGENHARIA

Fabio Soares

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

Heber Moura

GERÊNCIA DE CULTURA

Christine Braga | **Gerente**

Fabiana Vilar | **Coordenadora Técnica**

Moisés Nascimento | **Analista de Literatura**



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC

Administração Regional no Estado do Rio de Janeiro

Rua Marquês de Abrantes, 99 – Flamengo

CONSELHO REGIONAL DO SESC DO RIO DE JANEIRO

Presidente: Antonio Florencio de Queiroz Junior

Diretora Regional: Regina Pinho

Conselheiros:

Alberto Machado Soares, Alex Bolsas, Andréa Marques Valença, Antonio Lopes Caetano Lourenço, Bráulio Rezende Filho, Flávio Luis Vieira Souza, Germano de Freitas Melro Valente, Guilherme Braga Pires Neto, Igor Edelstein de Oliveira, José Anibal dos Prazeres, José Essiomar Gomes da Silva, José Jorge Ribeiro Gomes, Luiz Edmundo Quintanilha de Barros, Napoleão Pereira Velloso, Natan Schiper, Oswaldo Luis Cordeiro Teles, Pedro José Maria Fernandes Wahmann, Sérgio Neto Claro

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL
JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

Antonio Florencio de Queiroz Junior, Natan Schiper,
Pedro José Maria Fernandes Wahmann

Paquetá – revista das artes é uma publicação semestral guiada pelo desejo de ser uma porta aberta para os bons ventos da criação, do diálogo entre as artes, as culturas, os saberes e da crítica como força motriz para a afirmação de que não há senão beleza nas diferenças.

Ligada ao projeto **Palavra Líquida**, do programa Cultura, do Sesc RJ, a revista tem como propósito trazer para o espaço público um lugar de fruição artística, mas também de debate e de discussão de ideias. O contemporâneo, em seus vários rostos, aponta para a necessidade de reafirmarmos o lugar do pensamento, bem como da valorização do saber, portas essenciais para a transformação de mundo e de pessoas.

De circulação acessível, a revista está disponível tanto virtualmente quanto no impresso. Ela pode ser retirada em uma das muitas unidades do Sesc RJ, espalhadas pelo Rio de Janeiro, ou lida diretamente no portal institucional. Cada edição parte de um conceito, uma palavra-tema catalisadora, que aglutina as variadas colaborações que temos recebido por meio dos projetos estratégicos do programa Cultura. Celebramos a diversidade de ideias, linguagens, pontos de vista e conceitos, cultivando um ambiente inclusivo onde todas as vozes são valorizadas.

É uma alegria receber vocês em nossa ilha, fiquem à vontade!

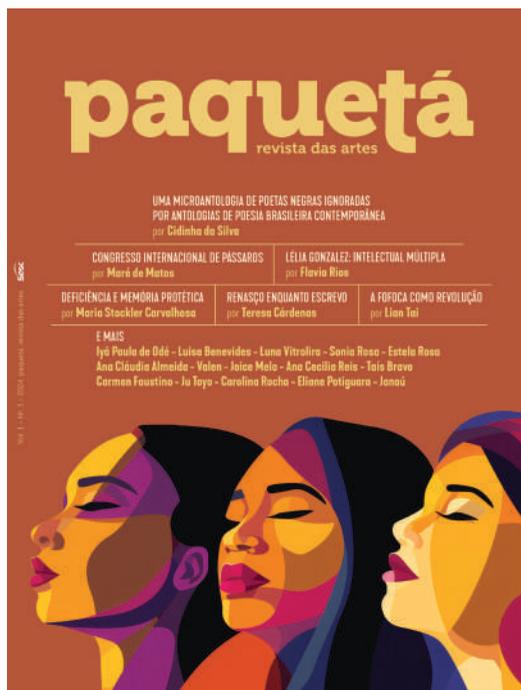
Uma publicação do projeto



©Sesc RJ, 2024

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei n. 9.610, de 19/02/1998.

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



PAQUETÁ – revista das artes

Moisés Nascimento | **Coordenação Editorial**
Luiza Miguez | **Editora-Chefe**

Curadoria e Produção Editorial

Ana Paula Rocha
Angelica Eichner
Camila Nunes
Denis Marcos Santos
Eliana Sousa Costa
Fabiana Vilar
Leandro Luz
Luiza Miguez
Marília Gorito
Moisés Nascimento
Raquel Mascarenhas
Suellen Alves

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo Cabido

Revisão

Vanice Araújo

Impressão

Rona Editora

paquetá

revista das artes

Uma publicação do projeto



www.sescrj.org.br